

APOSTILA
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
 Prof^a. Zoráia Araujo

Ano: 2013



ÍNDICE DE TEXTOS

<u>TEXTO 01</u> : O QUE É PSICOLOGIA	pág. 02
<u>TEXTO 02</u> : NEUROPSICOLOGIA	pág. 09
<u>TEXTO 03</u> : A ATENÇÃO	pág. 12
<u>TEXTO 04</u> : A MEMÓRIA	pág. 13
<u>TEXTO 05</u> : INTELIGÊNCIA	pág. 20
<u>TEXTO 06</u> : A PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM	pág. 25
<u>TEXTO 07</u> : A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO	pág. 27
<u>TEXTO 08</u> : A PSICANÁLISE E ALGUMAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES	pág. 30
<u>TEXTO 09</u> : ADOLESCÊNCIA	pág. 35
<u>TEXTO 10</u> : ABORDAGEM BEHAVIORISTA OU COMPORTAMENTAL	pág. 40
<u>TEXTO 11</u> : ABORDAGEM GESTÁLTICA OU PSICOLOGIA DA PERCEPÇÃO.....	pág. 46
<u>TEXTO 12</u> : TEORIA PSICOGENÉTICA DE PIAGET E VYGOTSKY	pág. 55
<u>TEXTO 13</u> : A PSICOGENÉTICA SEGUNDO HENRI WALLON.....	pág. 60

O QUE É PSICOLOGIA?



Imagem: Sócrates (pai da Psicologia)

Fonte: <http://www.reidaverdade.com/filosofo-socrates-biografia-resumo-obras.html>

De acordo com Alencar (2011) existem diversas formas para conhecer o objeto de estudo de uma ciência. Uma destas é pelo do tipo de pergunta que o pesquisador faz em suas investigações; outra é verificando o campo de trabalho, ou seja, as áreas de atuação do profissional da área. Procuraremos definir psicologia, o seu objeto de estudo, dando ênfase ao tipo de pesquisa e à atividade profissional do psicólogo. Mas antes, chama-se a atenção para ideias errôneas a respeito da atuação do psicólogo. Uma dessas ideias, que parece persistir apesar de toda a divulgação da psicologia, é o receio que alguns leigos possuem em conversar com um psicólogo, pois acreditam que este tem a capacidade de ler os pensamentos do sujeito, e conhecer seus segredos num simples olhar ou numa única conversa. Outro mito é o de que alguns indivíduos já nascem psicólogos, confundindo o trabalho psicológico com a prática dar conselhos. Outros acham que os testes psicológicos são uma espécie de instrumento mágico que podem, automaticamente, informar detalhes desconhecidos e misteriosos, sobre aspectos da personalidade. Há confusão entre o trabalho do psicólogo clínico, do psiquiatra e do psicanalista, considerando as três áreas como sinônimas.

Procurar compreender problemas psicológicos e explicar comportamentos, baseando-se apenas numa única causa é incorreto. Assim, acreditar que se uma criança se recusa a ir a escola é porque ela é mimada pelos pais, pode ser uma explicação simplista demais, tendo em vista, que a causalidade múltipla considerada na ciência psicologia. Já que é muito grande a quantidade de variáveis que influenciam o comportamento.

A Psicologia investiga problemas diversos, tais como: Quais fatores são responsáveis pelos diferentes tipos de retardos? / Como ocorre a aprendizagem? / O processo de aprendizagem no homem e nos animais é semelhante ou diferente? / Quais são as etapas envolvidas no desenvolvimento do comportamento motor da criança? / O que motiva o comportamento? / Qual o papel da linguagem no pensamento humano? / Porque esquecemos mais rapidamente certas coisas do que outras? / Como explicar as diferenças na criatividade? / Quais são as causas dos transtornos psíquicos? / Como mudar comportamentos desajustados? / Como o grupo influencia o comportamento do sujeito? / Qual a influência de valores e atitudes na percepção dos sujeitos? / Como facilitar a ocorrência de comportamentos criativos?

A Psicologia tenta responder perguntas como estas, estudando o comportamento humano e de outros animais, e em busca de respostas, utiliza o método científico, ou seja, este conhecimento deve ser obtido de maneira programada e sistematizada, para que se possa verificar sua validade. Desta forma o conhecimento pode ser transmitido e verificado.

Para compreender o comportamento, é preciso ir além do indivíduo isolado, estuda-se o meio onde ele vive, sua família, sua comunidade, suas interações sociais e também considera-se sua natureza física, seu organismo. Por isso a Psicologia é uma ciência biossocial, sendo difícil estabelecer uma linha clara entre a Psicologia e a Filosofia, de um lado, e a Psicologia e as Ciências Sociais, de outro.

Para Teles (1987) talvez nenhuma outra ciência atraia como a psicologia. Saber dizer como funciona a mente enquanto se está pensando; por que uma pessoa se comporta desta ou daquela maneira; compreender e modificar o comportamento. Isso e muito mais é tarefa da psicologia.

Houve em todos os tempos interesse em prever e controlar o comportamento e os problemas das pessoas. Antes de definirmos Psicologia, vejamos seus passos através da história.

ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA PALAVRA – A palavra ‘psicologia’ deriva de dois termos gregos ‘*psique*’ que significa – ‘expiração, alma, vida’ e o sufixo: *logia*, derivado por sua vez de *logos* com o significado de ‘*estudo de*’, ‘*tratado a respeito*’.

Assim, etimologicamente, *Psicologia* o ‘estudo da alma.’

Psicologia é uma ciência relativamente nova, apesar do Filósofo Sócrates, no século V Antes de Cristo, já citar a importância do autoconhecimento com a frase: “Conheça-te a ti mesmo”, foi só muito tempo depois, no século XVII, idade moderna, mais precisamente em 1734, que o estudioso Christian Wolf empregou este termo para significar a *Psychologia Rationalis* (escreveu em latim) era a parte da filosofia que estudava a natureza e as faculdades da alma. A par da memória, do intelecto, dentre outras. Mas ainda não era uma ciência específica.

Aristóteles (384-350 A. C.) relacionava a vida com a alma, e dizia que os minerais não têm vida porque são desprovidos de alma, por isso não pensam, pois o pensamento era uma faculdade da alma humana. Pensava de forma semelhante o Filósofo Platão, que pregava a não deterioração da mente e da alma com a morte. Pois a mente e a alma, levam consigo o conhecimento; e o conhecimento nunca morre.

Descartes, outro Filósofo, acreditava que a alma era a grande responsável pelo ⁴ pensamento, e que sem a alma o homem era vazio, pois não havia o pensamento. E logo, não havia também, a realização das coisas.

Fechner, nascido em 1801 e falecido em 1887, foi considerado o “Pai da Psicologia Quantitativa”, estudando a capacidade que temos de perceber as diferentes **sensações** que nos rodeiam. Mas, foi em 1879, que Wilhem Wundt montou o 1º laboratório de Psicologia Experimental, e conseguiu provar estas funções mentais, lançando assim a Psicologia no mundo da ciência.

O contexto Histórico nos leva a perceber, que a Psicologia levou muito tempo para se estabelecer como ciência.

A Psicologia, como ciência, teve seu aparecimento com os trabalhos de Wilhem Wundt (1832-1920).

Como podemos ver nem a etimologia, nem o conteúdo dos estudos anteriores a Wundt servem para caracterizar e definir a Psicologia como ciência, que é muito jovem, embora o termo seja mais antigo e a ânsia pelo conhecimento de seus temas remonte às próprias origens da razão humana, ela tem um longo passado, mas uma curta história.

COMO SE PODE DEFINIR PSICOLOGIA? Não é fácil dar uma definição completa, antes de qualquer coisa o objeto de estudo da psicologia é o homem. Como se sabe, o homem, na expressão grega é um microcosmo e por isso não pode ser abrangido em sua totalidade. Esta ciência deve contentar-se em estudar como um ser que reage ao meio, que percebe e se comporta em decorrência destas percepções; impelido para agir deste ou daquele modo, seus motivos podem estar claros ou ocultos. Como ser vibrátil emociona-se, cria, e se constrói, através de experiências, chegando a ser o que é, de modo diferente de qualquer outro.

Ao estudar o comportamento não quer dizer que a Psicologia despreze o estudo da mente e seus processos.

Ainda segundo Teles (1987) nem tudo está claro no conhecimento do homem, sobre seu comportamento, seus motivos, seus anseios, suas angústias, temores e esperanças. Seu comportamento e sua mente não se esgotam com pesquisas científicas. Há muitas atividades da mente que não se denominam convencionais e que só a Parapsicologia procura desvendar, como ‘vidência’ e telepatia.

Para Lindzey (1977):

Talvez nenhum outro curso no currículo universitário prometa mais e dê menos aos estudantes de graduação do que o curso de Psicologia. Muitos estudantes esperam que o estudo da psicologia os capacite a compreender as inconsistências

desorientadoras, as inseguranças persistentes, os conflitos e os impulsos⁵ inaceitáveis que parecem construir parte inaceitável de suas vidas. Eles antevêm que suas relações com os outros se tornarão mais fáceis, efetivas e gratificantes. De forma bastante razoável, acreditam que, com um conhecimento mais firme sobre os princípios do comportamento, serão capazes de compreender as enigmáticas ações que freqüentemente observam naqueles a sua volta – incluindo seus pais, irmãos e mesmo professores (...).

Nenhum livro ou curso pode satisfazer as expectativas de todos os estudantes... Sempre que possível concentramo-nos em problemas humanos ao invés de em pesquisas envolvendo animais (...). Não ignoramos as últimas, no entanto, porque elas desempenham um papel legítimo e importante na psicologia...

A PSICOLOGIA

(...) Todos nos observamos o comportamento humano (...). Nós não apenas observamos e conjecturamos sobre o nosso próprio comportamento; também prestamos atenção ao que aqueles à nossa volta estão fazendo e por quê. Embora essas atividades estejam claramente incluídas entre as do psicólogo profissional, não podemos, entretanto, considera-las como investigação psicológica, porque os aspectos característicos da ciência estão ausentes em tais observações cotidianas. Para o psicólogo, a psicologia é o estudo do comportamento. Psicólogos e leigos definem o termo comportamento de forma bem semelhante (...) a maioria concorda que o termo comportamento deva ser empregado de forma ampla e incluir todas as respostas – tanto os atos motores e respostas fisiológicas manifestas quanto os eventos mentais. Desta forma comportamento compreende eventos externos e facilmente observáveis, bem como eventos que apenas podem ser inferidos indiretamente a partir de relatos verbais ou de indicadores fisiológicos, como um aumento no ritmo respiratório ou na transpiração.

É, então, essencial da teoria psicológica (...) a busca (...) por uma compreensão do comportamento? Certamente. (Págs. 04 & 05)

Nos conceitos e definição de psicologia, colocados no clássico de Bonow (1975), o filósofo Sócrates, do qual se diz que ‘fez descer a filosofia do céu a terra’, pois chamou a atenção para a observação interna do sujeito pelo próprio sujeito (introspecção). Tornou-se célebre o conselho que ele dava aos seus discípulos: ‘Conheça-te a ti mesmo’. E até o século XVII, a Psicologia conservou um caráter transcendental de essência da alma ou da razão. Tanto “alma” como ‘razão’ eram considerados imateriais, distinguindo-se, em virtude deles, o homem de todos os outros atributos animais, pois estes não as possuíam.

CONCEITO MODERNO – Com o Renascimento (século XV e XVI), houve profunda mudança nos métodos do conhecer. Em vez de se confiar apenas na autoridade dos que expõem

uma verdade como absoluta, a observação, a experimentação e a verificação de fatos⁶ passaram, com Galileu (1564–1642), a ser a melhor maneira de se conhecer algo. A física e a Astronomia se emanciparam no século XVII, com Galileu e Kepler; a Química foi fundada no século XVII, por Lavoisier; e a Biologia se firmou na primeira metade do século XIX, com Claude Bernard e Bichat. Estas ciências preparam o caminho para uma nova psicologia, desta vez científica, abandonando o estudo do transcendental, passou a preocupar-se com *fenômenos psíquicos*, e fenômeno é tudo aquilo que pode ser direta ou indiretamente percebido, observado e descrito. Psicólogos como Locke, Condillac e Hume (século XVII), representam um novo ponto de vista, o ‘sensualismo’, uma doutrina segundo a qual todo conteúdo da mente teria como ponto de partida as *sensações* (*‘Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu’*: nada existe no intelecto que primeiro não tenha sido experimentado pelos sentidos.). Pelo fato de adotarem, em seus estudos, o método indutivo, baseado na observação individual, receberam o nome de *empiristas*. Podemos considera-los precursores na investigação psicológica uma vez que até então esta era considerada apenas ciência moral.

Na segunda metade do século XIX graças a contribuições de William James nos EUA e Weber, Fechner e Wundt na Alemanha (este último fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental); a psicologia passou por vários estágios:

1º. **O Estruturalismo:** dedicava-se em descobrir os “elementos da consciência”. Seriam estes: a sensação, a imagem, a emoção. Seriam estes elementos os fatores mais estruturais e que dariam base para todos os outros processos mentais.

2º. **O Comportamentismo:** chamada Psicologia Objetiva, não acredita que haja acesso científico ao que o sujeito sente, dedica-se em estudar apenas reações e comportamentos, tanto em situações espontâneas como experimentais. Reações seriam fatos que poderiam ser observados pelos outros, comparados e analisados. Dentro deste ponto de vista há variantes de orientação, sendo as principais:

a) *Os Reflexologistas:* são os behavioristas (comportamentistas) originários, acreditavam que o comportamento apenas tinha base fisiológica, não valorizavam aspectos emocionais envolvidos nas atitudes e nas respostas.

b) *Os Funcionalistas:* linha de pensamento que teve origem no início do século XX, sob as influências de Darwin, interessava-se em investigar como funciona o organismo para se ajustar às solicitações. Por isso, esta corrente também é conhecida como psicologia do ajustamento.

c) *Os Gestaltistas*: (GESTALT em alemão quer dizer forma, configuração) uma das contribuições mais interessantes, é a noção de 'campo comportamental', de Koffka (em outras palavras, o comportamento do indivíduo varia e se organiza conforme a configuração ambiental na qual está inserido). Para exemplificar: uma pessoa só reage na medida em que percebe a situação que a envolve; assim um estudante, numa biblioteca, 'vê' os livros que lhe interessam e 'não vê' os milhares de outros, que o bibliotecário, por exemplo, vê.

d) *Os Topologistas*: compreendem o homem dentro de um 'espaço de vida'. Esta corrente tem forte aplicação às questões sociais e o 'espaço de vida' do sujeito pode ter valência positiva ou negativa, que atuam conforme o significado que tivessem para cada momento de suas vidas.

Mais atualmente também de dissidência no comportamentismo, temos:

a) *Psicologia analítico-comportamental*: onde o comportamento do sujeito é analisado em seu campo de vida, não consiste em técnicas prontas e engessadas para manipular comportamentos, mas em uma escuta daquele sujeito, para que, para aquele sujeito sejam elaboradas estratégias que possam contribuir para a modificação de alguns comportamentos.

b) *Psicologia cognitivo-comportamental*: O modelo considera a cognição (conhecimento) uma chave para transtornos psicológicos, pois cognição é a função que envolve deduções (pensamentos) sobre a experiência única do indivíduo e sobre a ocorrência e o controle de sua percepção e dos eventos em sua vida. Através de registros de pensamentos, crenças não verdadeiras e pensamentos distorcidos podem ser modificados pelo acesso a pensamentos alternativos e compensatórios, desenvolvendo-se novas crenças, ou seja, novas formas de pensar, auxiliando a mudança de estados de humor e de comportamentos.

3º. **As Psicologias Compreensivas**: o seu objetivo não é explicar, mas entender o comportamento humano. Dentre elas:

a) *A Psicanálise*: o método é interpretativo, ou seja, o comportamento é a expressão de uma personalidade que precisa ser entendida em seu contexto.

b) *A Psicologia Existencial*: o objetivo não é explicar o porquê de um sentimento, mas compreender como este aconteceu, se o sentimento encontrou condições para acontecer.

c) *Psicologia focal*: usa atitudes indagatórias, exploratórias e confrontadoras; que têm por objetivo dissolução de defesas, a redução de sintomas, resolução de conflitos atuais do cliente, através da identificação de um problema central.

A definição de psicologia seria: uma ciência que procura investigar e estabelecer relações constantes entre fenômenos e suas condições de permanentes manifestações e variações.

Referências

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Psicologia – Introdução aos princípios básicos do comportamento. Petrópolis. Ed. Vozes. 2011. 17ª edição.

BONOW, Iva Waisberg. Elementos de Psicologia. Editora: Melhoramentos. 1975. 15ª Edição

COPETTI, Márcia. Ansiedade e Terapia Cognitivo-Comportamental
http://www.marciacopetti.com.br/artigos/artigos.php?id_artigo=4. Acesso em 30/07/2012.

CORREIA, Valéria. Psicoterapia Breve ou Focal. Disponível em:
<https://sites.google.com/site/valeriaconsult/psicoterapia-focal-de-curto-prazo>. Acesso em: 30/07/2012.

NIERO, Carolina B. F. e LEONARDI, Jan Luiz. Terapia Analítico-Comportamental e Análise do Comportamento. A Terapia Analítico-Comportamental não é um conjunto de técnicas. 28 Ag. 2009. Disponível em :
<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=578> .

LINDZEY, Gradner & HALL, S. Calvin & THOMPSON, F. Richard. Psicologia. Ed. Guanabara koogan. 1977.

TELES, Antônio Xavier. Psicologia Moderna. Ed. Ática. 1987. 25ª Edição.

Neuropsicologia



Imagem: NEURÔNIOS

Fonte: [www.http://cienciadiaria.com.br](http://cienciadiaria.com.br)

Esta perspectiva da psicologia se caracteriza pelo estudo das funções cerebrais.

Nas últimas décadas um grupo considerável de neuropsicólogos, tem se dedicado ao estudo da linguagem, com certa ênfase no funcionamento cerebral durante o processo de leitura e de aprendizagem da língua escrita.

Outro grupo tem se dedicado ao estudo da memória, principalmente das relações entre memória e aprendizagem.

Diferente do que se poderia esperar, os neuropsicólogos apontam para o fato de que o desenvolvimento do cérebro e o seu funcionamento são função de fatores de ordem cultural e da organização social do trabalho e das atividades de lazer. Nós estamos intimamente relacionados com o modo de vida que temos. Estímulos, que são fatores ambientais, fazem a diferença em nosso desenvolvimento físico, emocional e intelectual. Um cérebro estimulado apresenta-se mais ativo e com uma melhor comunicação entre os neurônios a qualidade do processamento das informações melhora; assim como o meio enriquecedor melhora a qualidade de vida dos sujeitos.

Deste conjunto de trabalhos nós podemos tirar uma série de elementos importantes para a prática educativa. Estes elementos nos informam de questões importantes como o tempo e o espaço, relacionadas à aprendizagem. Informam-nos também que a memória é um aspecto central do processo de aprendizagem e que seu funcionamento é bastante complexo. Alguns estudiosos sugerem que o tempo de exposição a um determinado assunto é o elemento-chave para que este assunto seja ou "trabalhado" pela memória imediata (o que provocará seu rápido esquecimento), ou pela memória de longo prazo.

Procede daí a hipótese de que não basta somente planejar situações de aprendizagem para uma sala de aula, mas de que este planejamento deve incluir também uma projeção temporal, ou seja, quanto tempo àquela informação ficará fazendo parte do acervo de memória do seu aluno. Ao vincularmos o processo educativo com fatores que despertem o interesse dos

alunos estaremos dando vazão a uma descarga de neurotransmissores que fazem parte integrante do processo de aprendizagem e de memória.

Todas as nossas sensações, sentimentos, pensamentos, respostas motoras e emocionais, a aprendizagem, a memória e qualquer outra função ou disfunção do cérebro humano não poderiam ser compreendidas sem o conhecimento do fascinante processo de comunicação entre as células nervosas (os neurônios).

Os neurônios precisam continuamente coletar informações sobre o estado interno do organismo e o ambiente externo, avaliar essas informações e coordenar atividades apropriadas a situações e às necessidades atuais da pessoa. Como os neurônios processam essas informações? Isso ocorre graças aos impulsos nervosos. Dois tipos de fenômenos estão envolvidos nos processamentos dos impulsos nervosos: os elétricos e os químicos. Os elétricos propagam um sinal dentro do neurônio, e os químicos transmitem o sinal de neurônio a outro. O processo químico acontece graças aos neurotransmissores, substâncias que possibilitam que impulsos nervosos de uma célula influencie impulsos nervosos de outra, permitindo assim que as células do cérebro "conversem entre si". O corpo humano desenvolveu um grande número de mensageiros químicos para facilitar a comunicação interna e a transmissão de sinais dentro do cérebro. Quando tudo funciona adequadamente, as comunicações internas acontecem sem que sequer tomemos consciência delas...

Neurotransmissores: Mensageiros do Cérebro

Quimicamente, os neurotransmissores são moléculas relativamente pequenas e simples. Diferentes tipos de células secretam diferentes neurotransmissores. Cada substância química cerebral funciona em áreas bastante específicas do cérebro e podem ter efeitos diferentes dependendo do local de ativação. Cerca de 60 neurotransmissores foram identificados.

Alguns Exemplos de neurotransmissores importantes e suas funções

Serotonina: conhecido como o neurotransmissor do 'bem-estar'. Ele tem um profundo efeito no humor, na ansiedade e na agressão. Sua deficiência causa depressão e distúrbios do humor, existem antidepressivos que estimulam sua produção.

Acetilcolina: controla a atividade de áreas cerebrais relacionadas à atenção, aprendizagem e memória. Pessoas que sofrem da doença de Alzheimer apresentam tipicamente baixos níveis de Acetilcolina no córtex cerebral, e as drogas que aumentam sua ação podem melhorar a memória em tais pacientes.

Glutamato: O principal neurotransmissor excitante do cérebro, vital para estabelecer os vínculos entre os neurônios que são à base da aprendizagem e da memória a longo prazo.

Referencias

MORETTI, Lucia Helena Tiosso & MARTINS, João Batista. Contribuições da neuropsicologia para a psicologia e a educação. In: Psicologia Escolar e Educacional. vol. 1, n. 2/3. 1997. Universidade Estadual de Londrina.

CARDOSO, Silvia Helena Comunicação entre as células nervosas In: Revista Cérebro & Mente. Vol. 12. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br>. Acesso em 30/07/2012.

A ATENÇÃO

Em seu sentido mais amplo a atenção denota um processo mental, em virtude do qual um estímulo, (...) torna-se objeto da consciência, enquanto uma multiplicidade de estímulos, ao alcance do observador não penetram na sua consciência, realmente. (CUNHA, 1980, pág. 03)

Em uma descrição mais restrita atenção é um processo mental por meio do qual alguns objetos são apreendidos mais claramente, ou um processo por meio do qual são selecionados objetos que passam a ocupar o foco da consciência de um observador; quando outros sobre os quais a sua atenção não foi dirigida, ocupam a margem ou a periferia da consciência.

Logo, o resultado principal da atenção é a clareza da apreensão. Quando prestamos atenção a uma música, por exemplo, não a percebemos com maior intensidade, mas, sim, com maior clareza. A intensidade do estímulo é, apenas, uma condição para que o mesmo atraia a nossa atenção e receba lugar de destaque no campo da consciência.

Quando aplicada aos objetos externos a atenção caracteriza o ato de observação; quando aplicada às ideias abstratas, caracteriza-se como reflexão.

A atenção não é uma forma de comportamento cinestésico, mas é uma forma de comportamento mental. É uma forma de relação de controle entre um estímulo discriminativo e uma resposta. Quando prestamos atenção estamos sob alguma forma de controle especial de um determinado estímulo. (CUNHA, 1980, pág. 05)

Sendo a atenção um processo seletivo da percepção, é impossível perceber o que está a sua volta e atender a muitos estímulos ao mesmo tempo. Em geral, são atendidos os estímulos que nos são mais importantes no momento.

Variáveis intervenientes tais como fadiga, estados tóxicos, ausência de reforços ambientais e diversos estados patológicos (a exemplo o Transtorno do déficit de atenção), determinam dificuldades de concentrar a atenção.

Prof. Zoráia Araujo de Souza da Fonseca

Referências

CUNHA, Suzana Ezequiel da. (1980) Manual de psicologia aplicada. Sondagem de habilidades. Teste dos conjuntos emparelhados. Fator P. CEPA.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua.** Lemos editorial. São Paulo. 7ª edição. 2007.

A MEMÓRIA



Imagem: Memória

Fonte: <http://ppdesenvolvimento.webnode.com/memoria/>

CONCEITO: Processo de retenção de informações captadas do ambiente.

Procure imaginar, por um instante, que você não tem memória... Difícil não é? Nossas memórias operam com tamanha velocidade e automatismo que quase nunca tomamos consciência de que sua presença. Seria mais provável uma pessoa que já passou pela falta de memória imaginar isso, pois ela tem a lembrança angustiante da falta que lhe acometeu; ao contrário de alguém que nunca passou por isso.

Falar, resolver problemas, estar consciente das coisas, aprender; tudo isso requer aptidão para armazenar informações. A aprendizagem exige a retenção de novas informações. Para falar precisamos lembrar as palavras. Mesmo atividades consideradas não intelectuais, como lavar pratos, por exemplo, depende da capacidade de recordar como fazer. De fato, quase tudo depende da memória.

A primeira investigação importante feita sobre a memória foi publicada em 1885 pelo filósofo e psicólogo alemão Herman Ebbinghaus (1850-1909). Ele acreditava que os acontecimentos, de alguma forma, ficam ligados na nossa mente. A memória conteria milhares de impressões sensoriais interligadas. Este estudo iniciou a exploração da memória das associações.

Os estudos da memória humana baseiam-se fortemente em duas medidas: a recordação e o reconhecimento.

A recordação: é a capacidade de se lembrar de algo quando se é *intimado*.

O reconhecimento: você é *convidado* a escolher uma resposta que já foi vista, ouvida ou falada; e sua memória vai ver se aquela informação combina. Um exemplo prático disso: veja abaixo qual questão, de acordo com o que você leu até aqui, cuja resposta você conseguirá evocar mais facilmente na sua memória.

- 1) Quem realizou a primeira investigação importante sobre a memória e quando?
- 2) Gustav Fechner foi o primeiro investigador importante da memória. Verdadeiro ou Falso?

3) O primeiro estudo significativo, sobre a memória, foi publicado em:

(a) 500 a. C.

(b) 1534

(c) 1885

(d) 1936

A primeira pergunta testa a recordação e exige que você investigue a sua memória e lembre-se do material solicitado.

A segunda e a terceira perguntas testam o reconhecimento, você compara a informação, para ver se ela faz sentido, ou seja, se combina, se se associa com o que você já viu antes.

Geralmente, é mais fácil reconhecer do que recordar, necessitamos de informações mais completas para termos uma recordação correta, mas informações parciais nos permitem reconhecimentos corretos. É como se no reconhecimento, a informação estivesse diante de você, de modo que não precisa procurá-la. Seria só perguntar para a memória: “Este material já é conhecido por mim ou não?” O palpite, baseado na informação, tem efeito no reconhecimento, mas não parece ter o mesmo efeito na recordação.

Existem estratégias mnêmicas (estratégias de memória), e investigações psicológicas indicam que elas podem ser eficazes. Um estudo sugere que estudantes que as empregam conseguem notas mais altas, principalmente em provas que trabalham mais com a *recordação* do que com *reconhecimento*.

A *Rima* é uma destas estratégias mnêmicas. Por exemplo: Quais os meses que têm 30 e não 31 dias? Você pode se lembrar de “Trinta dias têm setembro, abril, Junho e novembro...” E a associação do ritmo desta rima pode ajudá-lo a lembrar.

A *recodificação* é outra estratégia. Por exemplo: Quais são as cores do arco-íris? – uma palavra montada com as iniciais das cores pode nos ajudar a recodificar a informação e trazê-las à tona na memória – veja só: VAAVAAV – pode ser estranho conseguir pronunciar esta palavra, mas ao memorizá-la só terá o trabalho de associar suas letras as cores que precisa lembrar (Vermelho, Alaranjado, Amarelo, Verde, Azul, Anil e Violeta). Você pode ainda usar a estratégia mnêmica da imagem, associando o nome das cores, por exemplo, a imagens de pessoas que você conhece - veja: uma vez Vera; duas vezes Ana; repete mais uma vez Vera e duas Ana; e Vera novamente.

A estratégia a ser citada agora é muito significativa, pois não envolve apenas a memorização, mas a compreensão de fatores. Costuma, por este motivo, ser mais duradoura. O seu nome é participação ativa, o processamento ativo é muito importante para a retenção da maior parte do material verbal. Por exemplo, textos que são lidos e reorganizados com a

participação ativa do leitor, costumam sistematicamente serem mais bem explorados e entendidos e por isso, memorizados com mais significado.

A memória e a atenção

A memória e a atenção caminham juntas, pessoas com excelente potencial de memória podem não conseguir capacitar adequadamente o potencial que têm devido a distúrbios da atenção. E não precisamos nem falar em distúrbios para ver isso, pois se não estamos com o foco da atenção direcionado numa coisa, dificilmente a memorizaremos com a eficácia de quando estamos atentos a ela. “Os olhos não podem ver quando o cérebro está ausente”.¹

Veja, como exemplo, o texto abaixo citado:

Chaves da Vaguidão

Era um bar da moda naquele tempo em Copacabana e eu tomava meu uísque em companhia de uma amiga. O garçom que nos servia, meu velho conhecido, há horas tantas se aproximou:

_ Não leve a mal eu sair agora, que está na minha hora, mas o meu colega ali continuará atendendo o senhor.

Ele se afastou, e eu voltei ao meu estado de vaguidão habitual.

Alguns minutos mais tarde, vejo diante de mim alguém que me cumprimentava cerimoniosamente, com um movimento de cabeça:

_ Boa noite, Dr. Sabino.

Era um senhor careca, de óculos, num terno preto de corte meio antigo. Sua fisionomia me era familiar, e embora não o identificasse a primeira vista, vi logo que devia se tratar de algum advogado ou mesmo desembargador de minhas relações, do meu tempo de escrivão. Naturalmente disfarcei como pude o fato de não estar me lembrando de seu nome, e me ergui, estendendo-lhe a mão:

_ Boa noite, como vai o senhor? Há quanto tempo! Não quer sentar-se um pouco?

Ele vacilou um instante, mas impelido pelo calor de minha acolhida, acabou aceitando: sentou-se meio constrangido na ponta da cadeira e ali ficou, erecto, como se fosse erguer-se de um momento para o outro. Ao observá-lo assim de perto, de repente deixei cair o queixo: sai dessa agora, Dr. Sabino! Minha amiga ali ao lado, também boquiaberta, devia estar achando que eu ficara maluco.

Pois, o meu desembargador não era outro senão o próprio garçom – e meu velho conhecido! – que nos servira durante toda à noite e que havia apenas trocado de roupa para sair. (SABINO, 1980. Pág. 143 & 144)

¹ Memorização p. 02.

A aplicação da memória

É importante considerar que habilidades são regidas por princípios. O primeiro destes princípios estipula que: Toda habilidade que temos é desenvolvida, ou seja, é capacitada com a prática. E, segundo princípio determina que uma habilidade pode regredir se não é aplicada. Logo, a memória é uma função mental que pode ser beneficiada quanto mais for exercitada.

É evidente que existem outros processos que também têm relação com a memória, o INTERESSE é um deles, uma vez que fatos importantes para o sujeito são, em sua maioria, mais fáceis de serem memorizados do que os fatos desinteressantes e que pouca curiosidade provocam. (lembrando que os focos de interesse variam de pessoa para pessoa).

O processo de COMPREENSÃO também tem efeitos sobre a memória, uma vez que é mais fácil memorizar aquilo que eu compreendo. Mas também podemos memorizar aquilo que não entendemos, evidentemente num processo mais mecânico onde eu apenas arquivo a informação, mesmo sem saber o que ela significa.

O TREINO ATIVA A MEMÓRIA?

Edward Lee Thorndike (1874-1949), psicólogo norte-americano, autor da primeira teoria da aprendizagem, declarou que a idade não é empecilho para aprender uma nova profissão ou qualquer coisa que se queira, em qualquer etapa da vida. Thorndike deduziu várias leis em seus experimentos; uma delas, o princípio da frequência, diz: quanto mais repetida uma ação, mais segura e pronta ela se tornará.

O Princípio da intensidade relaciona a frequência ao interesse e diz que o exercício ativo e interessado é mais produtivo que a repetição passiva. Barros (1998) coloca que, um adolescente, por exemplo, memoriza mais rapidamente as regras do jogo que gosta do que a teoria musical dada na escola. Porém, se o adolescente sentir-se mais atraído por música do que por jogos, provavelmente ele aprenderá mais fácil teoria musical.

O texto a seguir oferece uma noção da importância do treino e da atividade em nosso processo de desenvolvimento:

Título da Matéria: Um Jogo difícil.

Três meses depois do acidente, Osmar Santos progrediu muito, mas os médicos não sabem até onde ele pode recuperar-se.

A imagem de Osmar Santos sorrindo ao lado do presidente FHC no final de semana retrasado parecia uma prova científica dos milagres de que a medicina moderna é capaz. Há três meses ele sofreu um acidente, bateu com o carro contra um caminhão que fazia manobras atravessado numa rodovia no interior de SP. Osmar Santos quebrou o crânio, ficou com o cérebro exposto, perdeu cerca de 50% de seu sangue, perdeu massa encefálica e teve parte dela necrosada. Nas primeiras 72hs, a preocupação dos médicos era uma só: mantê-lo vivo. Em acidentes com traumatismo craniano grave como esse, o índice de óbitos beira os 70%. Osmar Santos ficou dois meses hospitalizado. Ele ainda não fala nem anda. Locomove-se numa cadeira de rodas e precisa de ajuda para ficar de pé. Mas reconhece as pessoas que gosta e às vezes consegue expressar o que quer através de gestos e murmúrios.

Do ponto de vista médico as cenas mostradas pela televisão e as fotos dos jornais revelam que o locutor tem tido uma recuperação boa e rápida para os padrões clínicos. A dúvida é saber até onde a recuperação chegará. 'Temos de pensar hoje no Osmar Santos em comparação com o estado em que ele chegou ao hospital, não mais em como ele era antes do acidente', diz o médico neurocirurgião Jorge Roberto Pagura do Hospital Albert Einstein de SP. 'Hoje ainda não se pode falar em seqüelas. Ele está tendo ganhos diários. Só quando a recuperação estacionar ou perder a velocidade é que poderemos arriscar previsões'. A família está tentando pensar positivo conforme a recomendação dos médicos. Mas no começo era difícil. 'Ainda no hospital, ao pensar em como ele poderia ficar, tive um medo maior que o da morte', lembra o irmão mais novo.

A região do cérebro mais gravemente afetada foi a fronto-temporal esquerda, responsável pelas funções da fala, motricidade e compreensão. A lesão deixou o lado direito do corpo paralisado e criou dificuldades para o locutor... principalmente... expressar suas intenções. Além da perda de tecido cerebral, a artéria que irriga essa parte da cabeça teve de ser obstruída para estancar a hemorragia. A lesão e a falta de irrigação são problemas irreversíveis, mas não determinam perda total das funções controladas pela área. O paciente pode passar a realizar essas atividades usando outras partes do cérebro.

(...) Há pouco o locutor começou a fazer sinal de positivo com o polegar erguido. Em certos momentos o sinal significa sim, em outros é apenas um gesto que ele sabe que provoca uma interação com o interlocutor. Rosa Maria (a esposa) diz que a comunicação está progredindo. 'As vezes demora, mas em 90% dos casos sacamos o que ele quer'.

Osmar acorda normalmente às 10hs. Toma café sozinho, só precisa de ajuda para cortar os alimentos devido a usar apenas a mão esquerda. A dieta é normal, apenas enriquecida com ferro para sanar a anemia provocada pela grande perda de sangue. Em seguida, pega o jornal e percorre os dedos linha por linha de

algumas matérias. Ninguém sabe dizer o quanto ele apreende do que vê. As tardes são divididas entre exercícios de fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e passeios com os irmãos ou com a esposa. Quando sai de casa, ele demonstra um grau de lucidez impressionante. Um de seus destinos preferidos é uma barraquinha de água de coco. A pedido do irmão, que vai ao volante, Osmar indica o caminho a seguir. Certo dia, para ir para casa, de um amigo, Osmar escolheu um caminho cheio de quebradas para fugir do trânsito e acertou todo o trajeto.

Sempre que sai de casa Osmar leva o celular. 'Ele adora telefone'. Diz Rosa. Às vezes atende, diz um alo comprido, escuta um pouco e passa o fone. O médico especialista acredita que ele preservou a capacidade de distinguir a origem dos sons que ouve porque esta foi uma atividade muito desenvolvida em sua profissão. Se estiver diante de vários telefones e um deles tocar, ele sabe qual tocou. (...) 'Nosso trabalho agora tenta atingir a exceção'. Diz Akamine, o médico especialista da equipe que cuida de Osmar. 'Existem traumatismos semelhantes em que os pacientes já voltaram a falar e a andar. Buscamos isso, embora essa não seja a regra. (Revista Veja, 29/03/95)

A memória é uma função mental de extrema importância aos processos de aprendizagem; Cícero, advogado, político e orador latino, afirmou que a memória é o tesouro e a guardiã de todas as coisas. O filósofo Platão colocou que todo conhecimento não passa de lembrança.

Você não conseguiria acompanhar este raciocínio se não se lembrasse das 26 letras do alfabeto.

Sem a memória, sem a capacidade de reter conhecimentos e fatos, seria impossível agir baseado em experiências anteriores. Cada momento da existência, qualquer coisa se que fizesse, teria de partir do nada. Na maioria das situações que enfrentamos, são as experiências passadas que nos ensinam **como** e **o que** fazer. Conhecimento acumulado elimina o longo caminho da tentativa e erro. Nossa memória funciona de forma associativa, ou seja, um pensamento lembra o outro que lembra o outro e assim sucessivamente. Veja o exemplo: você, provavelmente, é capaz de mentalizar o mapa da Itália, pois lembra uma bota; e o da Inglaterra, pois lembra um navio. Mas e o mapa do Japão? (Machado, 1999).

Aristóteles, filósofo grego (384 a. C. a 322 a. C.) fundador da Escola Peripatética², já havia estudado e classificado leis de associação, reduzindo-as a três: contiguidade em tempo e espaço, semelhança e oposição. Ou seja, quando associamos as idéias e fatos para lembrarmos alguma coisa ou de alguém, pensamos: **quando aconteceu?** (contiguidade em tempo) **Onde**

² PERIPATÉTICO – Esse nome provém do fato de que ele costumava ministrar suas aulas passeando nos jardins do liceu, onde lecionava.

aconteceu? (contiguidade em espaço) **É parecido com o que?** (semelhança) **É diferente de que?** (oposição).

A EMOÇÃO também pode influenciar no processo de memorização. Fatores preocupantes demais geram stress e podem provocar dificuldades de retenção da informação pela memória.

O **medo** é uma das reações emocionais que pode interferir no processo de memorização. Uma situação de tensão extrema para o sujeito, uma situação de ameaça, pode levar a lacunas momentâneas na memória; “*deu um branco*”, é assim que costumamos dizer.

Referências

BARROS, Célia silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escolar. 5ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1998.

BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª edição. São Paulo. Editora Saraiva. 2009.

LURIA, A . R. Curso de Psicologia Geral. Volume III – atenção e memória. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1979.

__ . __ . A Mente e a memória. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2006.

MACHADO, José Augusto (Produção, coordenação geral, revisão & atualização). Memorização. Cybernetic lening systems. Volume 1. São Paulo. Personal Indústria, comércio & exportação. 1999.

MURRAY, Edward J. Motivação e emoção. 4ª edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1978. Capítulos 2 & 5.

REVISTA VEJA. Um Jogo difícil. Editora: Abril Cultural. Edição de 29/03/1995.

SABINO, Fernando. A falta que me faz. 4ª edição. Rio de Janeiro. Editora Record. 1980.

Inteligência



Imagem: Inteligência

Fonte: [www.http://mundoeducaçao.com.br](http://mundoeducaçao.com.br)

(...) INTELIGÊNCIA é a solução de um problema novo para o indivíduo, é a coordenação dos meios para atingir um certo fim (...) PENSAMENTO não se apoia sobre a ação direta, mas sobre um simbolismo, sobre a evocação simbólica pela linguagem, pelas imagens mentais(...) (PIAGET, 1983)

Baseando-se nos conceitos acima, pode-se perceber que a inteligência vincula-se a prática e que o pensamento vincula-se a símbolos.

Segundo a ciência a inteligência é a forma de exteriorização do pensamento.

Traçar um objetivo e trabalhar em função de alcançá-lo (mesmo quando este não é acessível de maneira imediata) é traçar caminho para criar soluções, isto é inteligência.

Inteligência é ação, pois não adianta termos um QI elevado se não conseguimos pô-lo em prática. A teoria da inteligência emocional fala exatamente disso, nascemos com uma constituição orgânica, neurológica, fisiológica e anatômica, que é pertinente a nossa espécie, e ao longo do tempo desenvolvemos estas estruturas que trazemos e aprimoramos habilidades, mas um fator importante para que tudo isso se desenrole de forma adequada é a FORMA COMO APRENDEMOS A LIDAR COM AS EMOÇÕES.

Por exemplo, o fato de uma pessoa ter um excelente potencial intelectual para cálculos, faria certamente que ela conseguisse aplicar isto em seu dia a dia??? O Phd Daniel Goleman cita em sua tese o exemplo de um colega da época de sua graduação, que apesar de ser extremamente inteligente, levou 10 anos para concluir o curso universitário. Uma vez que passava a madrugada sem conseguir dormir e pela manhã, horário das aulas, dormia até o meio dia. Poderia se pensar porque alguém tão inteligente não consegue dormir?

Para responder esta pergunta e tentar compreender este processo, com certeza não teríamos que pensar apenas no lado intelectual. Freud, apesar de não ter feito suas pesquisas para um ângulo educacional, também já sabia disso, quando disse que PARA SER PEDAGOGO

É PRECISO ENXERGAR A ALMA HUMANA. Com certeza ele sabia o que estava dizendo, pois²¹ para se pesquisar o sujeito, deve-se valorizar o que há de subjetivo em cada um.

O QUOCIENTE INTELECTUAL

No ano 3000 a. C., na China, já havia alguns relatos de testes aplicados para selecionar funcionários civis.

Em 1838 um médico francês chamado Esquirol, implantou uma medida classificatória para ajudar no tratamento de “doentes mentais”, dividia-os em níveis de maior e menor retardo mental; objetivando tornar o tratamento mais adequado para cada um deles. Porém, a medida de Esquirol era apenas classificatória, ela podia dizer quem estava melhor ou pior, mas não dizia o quanto, não quantificava.

Em 1883, o Inglês Galton efetiva o primeiro instrumento psicológico por meio de medida (ou teste psicológico como conhecemos hoje em dia), ele fazia avaliações sensoriais e correlacionava-as com o desempenho intelectual.

Em 1890, o Americano Cattell desenvolveu medidas de diferenças individuais e inaugurou o termo “teste mental”. Ele estava literalmente ‘remando contra a maré’ para as exigências que a sua época fazia. Era um tempo em que as pesquisas buscavam o que os seres humanos tinham de similar e as diferenças eram vistas como desvios do padrão ou erros, não havia muita ênfase ou preocupação com as questões individuais ou pessoais que estava por traz de um comportamento aparentemente “desviado”. Mas James M. Cattell acabou fazendo sucesso internacional devido a sua ousadia.

Contudo, os próprios testes de Cattell, inspirados em Galton, logo, também vinculados com a medida sensorial, começaram a não obter correlação de fidedignidade com a realidade. Eles eram aplicados nas escolas universitárias com o intuito de medir o nível dos alunos nos EUA. Só que não se mostravam congruentes com as avaliações que os professores faziam e não condiziam com o desempenho dos alunos. De fato estes testes não mediam funções amplas como a memória e a atenção, eles eram testes específicos que mediam algumas habilidades específicas, não eram medidas de potencial geral do sujeito.

Foi então que em 1904, na França, Alfred Binet com objetivo inicial de verificar se crianças com problemas de deficiência mental estavam melhorando, sob um ponto de vista intelectual, através das estimulações oferecidas em programas especiais, criou o seguinte método: várias crianças consideradas normais eram divididas em grupos de idades específicas e vários problemas eram colocados para as crianças resolverem; percebeu-se então que um percentual significativo de problemas era resolvido por crianças de uma determinada faixa etária enquanto outro grupo (de outra faixa etária) resolvia com facilidade outros problemas. Daí começou a se estimar uma faixa de “normalidade” para a inteligência, de acordo com a idade.

Mais tarde os resultados dos testes foram convertidos para números e estimou-se que a média padrão para o quociente intelectual seria 100. Acima de 130 o QI é considerado superior e abaixo de 70 é considerado inferior. Hoje, encontramos classificações de inteligência mais detalhadas, o pesquisador David Wechsler mostra-nos no manual para aplicação e mensuração do teste de avaliação intelectual de nome WISC, a seguinte tabela para a classificação medida de QI:

130 ou mais	QI muito superior
120 – 129	QI superior
110 – 129	QI médio superior
90 – 109	QI médio
80 – 89	QI médio inferior
70 –79	QI limítrofe
69 ou menos	QI deficiente ³

Ao longo da história do quociente intelectual, uma pergunta sempre rondou os estudiosos e até mesmo os leigos interessados no assunto: “O QI é fixo, ou seja, é para toda a vida, ou muda com o tempo?”.

Estudos mostraram que as capacidades dos sujeitos variam no decorrer de suas vidas; e os dados obtidos nos testes, ou seja, os resultados apurados nas avaliações dos testes deixaram de ser vistos como a medida estática da inteligência para serem vistos como medidas da eficiência do sujeito num dado momento. Eficiências estas que podem ser alteradas por aspectos globais como: o aspecto ambiental e o emocional. Logo, não podemos tomar um resultado como um definitivo indicador de potencial.

Os dados de medida, hoje, são vistos em uma totalidade e os resultados obtidos em testes que medem a inteligência podem, inclusive, sinalizar que algo está acontecendo com aquele sujeito, alguma dificuldade emocional, social ou orgânica pode estar ocorrendo e acarretando uma baixa na produção intelectual. E aqui, muitas vezes, o teste pode ser dispensado, quando podemos observar e perceber estas mudanças comportamentais ocorrendo nos sujeitos que conhecemos.

Nós fazemos parte de um MEIO e de uma ÉPOCA e não podemos ser vistos sem estarmos contextualizados com isto.

CURIOSIDADE: o período entre 1910 & 1930 foi considerado “a era dos testes de inteligência”, os testes já vinham se desenvolvendo ao longo do tempo e da história e eram

³ WESCHLER, David. *Manual de Psicologia Aplicada – WISC*. CEPA (Centro Editor de Psicologia Aplicada). Rio de Janeiro. P. 39.

modificados e aperfeiçoados de acordo com os resultados e com os objetivos. Porém, com o impacto da primeira grande guerra mundial e com a imposição do exército dos Estados Unidos de necessidade de seleção rápida, eficiente e universal de recrutas; os testes começaram a ser ainda mais utilizados e revisados. E os novos testes conhecidos como “Army Alfa” e “Army Beta” foram criados particularmente para avaliar os novos candidatos a recrutas no exército.

AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Durante muito tempo a psicologia tentou tornar uniforme o nosso potencial intelectual, mas o psicólogo e pesquisador da Universidade de Harvard, Dr. Howard Gardner, revolucionou esta tendência. Ele conseguiu, através de observação e experimentos, encontrar algumas categorias ou tipos de inteligência diferentes. São atualmente nove as categorias cadastradas até o presente momento. Veja:

“Tipos de Inteligências”

Lógico-matemática: inteligência que determina a habilidade para raciocínio dedutivo, além da capacidade para solucionar problemas envolvendo números e demais elementos matemáticos. É a competência mais diretamente associada ao pensamento científico, portanto, à ideia tradicional de inteligência.

Pictórica: faculdade de reproduzir, pelo desenho, objetivos e situações reais ou mentais. E também de organizar elementos visuais de forma harmônica, estabelecendo relações estéticas entre elas. Trata-se de uma inteligência que se destaca em pintores, artistas plásticos, ilustradores e chargistas.

Musical: inteligência que permite a alguém organizar sons de maneira criativa, a partir da discriminação de elementos como tons, timbres e temas. As pessoas dotadas desse tipo de inteligência geralmente não precisam de aprendizado formal para exercê-la.

Intrapessoal: é a competência de uma pessoa para conhecer-se e estar bem consigo mesma. Administrando seus sentimentos e emoções a favor de seus projetos. Enfim, é a capacidade de formar um modelo real de si e utilizá-lo para se conduzir proveitosamente na vida, característica dos indivíduos "bem resolvidos", como se diz na linguagem popular.

Interpessoal: capacidade de uma pessoa dar-se bem com as demais, compreendendo-as, percebendo suas motivações e sabendo como satisfazer suas expectativas emocionais. Esse tipo de inteligência ressalta nos indivíduos de fácil relacionamento pessoal, como líderes de grupos, políticos, terapeutas, professores e animadores de espetáculos.

Espacial: é a capacidade de formar um modelo mental preciso de uma situação espacial e utilizar esse modelo para orientar-se entre objetos ou transformar as características de um

determinado espaço. Ela é especialmente desenvolvida, por exemplo, em arquitetos, navegadores, pilotos, cirurgiões, engenheiros e escultores.

Linguística: manifesta-se na habilidade para lidar criativamente com as palavras nos diferentes níveis da linguagem (semântica, sintaxe), tanto na forma oral como na escrita, no caso de sociedades letradas. Particularmente notável nos poetas e escritores, é desenvolvida também por oradores, jornalistas, publicitários e vendedores, por exemplo.

Corporal - cinestésica: é a inteligência que se revela como uma especial habilidade para utilizar o próprio corpo de diversas maneiras. Envolve tanto o autocontrole corporal quanto a destreza para manipular objetos (cinestesia é o sentido pelo qual percebemos os movimentos musculares, o peso e posição dos membros). Atletas, dançarinos, malabaristas e mímicos têm essa inteligência desenvolvida.

Naturalista: habilidade que permite perceber e compreender fenômenos da natureza. Manifesta-se, por exemplo, em pescadores e paisagistas, dentre outros.

Esta descoberta revolucionária leva-nos á compreender que temos potencialidades diferentes, e assim não podemos dizer então que quem possui excelente trato com a lógica e com a matemática seja melhor ou pior do que quem tem excelente habilidade com as artes, são apenas pessoas com potenciais mais desenvolvidos em uma área do intelecto do que em outra. Isto então nos caracteriza como diferentes em termos de habilidades intelectuais, mas não pode nos caracterizar como melhores ou piores em comparação com quem tenha outras habilidades distintas daquelas que não apresentamos.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. Psicologias. São Paulo. Ed. Saraiva. 2009. 4ª edição.

GARDNER. Howard. Inteligências múltiplas. São Paulo. Ed. AtrMed. 1995.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional – a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva. 1996. (5ª edição).

PASQUALI. L. Psicometria: teoria e aplicação. Brasília. Editora da Universidade de Brasília. 1997.

PASQUALI. L. Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração. Brasília. IPAPP. 1999.

PIAGET, Jean. A epistemologia Genética: Sabedoria e ilusões da filosofia; problemas da psicologia genética. São Paulo. Ed. Abril. 1983. (2ª edição).

WECHLER. Manual de Psicologia Aplicada – WISC. Rio de Janeiro. CEPA.

A PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM

Para BOCK, FURTADO & TEIXEIRA (2009):

(...) se somos capazes de fazer algo que antes não fazíamos, é por que aprendemos (...). No entanto, para a psicologia, o conceito de aprendizagem não é tão simples (...) uma amiga sabe uma poesia inteira em francês, porque copiou 10 vezes como castigo, há 20 anos, e tem apenas uma vaga idéia do que está dizendo quando a declama. Podemos dizer que ela aprendeu a poesia?" (pág. 114)

A psicologia lida com a aprendizagem como um processo a ser investigado que não pode ser englobado num só conceito. Uma vez que há diversas possibilidades de aprendizagem e diversos fatores que nos levam a apresentar uma mudança comportamental.

As teorias da aprendizagem são diversas, mas podemos reuni-las em duas categorias: as teorias do condicionamento e as teorias cognitivistas. A primeira diz que aprendizagem é a conexão que existe entre um estímulo e uma resposta e a segunda define aprendizagem como um processo existente na relação do sujeito com o mundo; seria um processo de organização de informações, um processo de integração entre o conteúdo que o meio fornece e a estrutura cognitiva do sujeito. Este processo levaria o sujeito a adquirir um número crescente de novas ações.

As teorias do condicionamento dizem que aprendemos praticando, isto nos levaria a estabelecer conexões entre os estímulos e as respostas. Para os cognitivistas nós aprendemos através da relação entre os conceitos e as idéias, ou seja, aprendemos a partir de abstrações com a nossa própria experiência.

E, afinal, o que manteria a aprendizagem? Esta é outra pergunta, com ênfase em aspectos diferentes, respondida de forma diversa por condicionalistas e cognitivistas.

Os teóricos do condicionamento dizem que o que mantém a aprendizagem é o seqüenciamento de respostas. Por exemplo: quando falamos de abrir uma porta estamos falando de uma seqüência de atos compostos por respostas diversas como: pegar a chave, encaixa-la na fechadura, virar, abaixar a maçaneta e então abrir a porta. São estas respostas (bem-sucedidas) que preparam o campo para a resposta seguinte e mantém uma cadeia de respostas até que o objetivo comportamental de abrir a porta seja atingido.

Para os cognitivistas, o que mantém o comportamento são processos cerebrais como a atenção e a memória, agentes integradores dos processos comportamentais. Ou seja, se nós não tivéssemos pelo menos o mínimo de atenção, não poderíamos armazenar na memória a seqüência de respostas para abrir a porta. E se não fosse a memória não adiantaria repetir

seqüência de coisa alguma, pois sem a memória isto teria que ser reaprendido cada vez que se fosse executar a ação novamente.

Os cognitivistas acreditam que mesmo em caso de haver uma experiência prévia com um determinado problema, isso não seria garantia para que houvesse o que os condicionalistas chamam de transferência de aprendizagem para a solução de outros problemas, mesmo que similares. Por exemplo: a criança aprende a dar laço nos sapatos; isso significa que saberá fazer laços em presentes e em fitas de cabelos? Para os cognitivistas o que ocorrem são insights, ou seja a compreensão interna das relações essenciais em questão o que permite uma nova organização do campo perceptocognitivo presente. Os cognitivistas questionam a seguinte coisa: se aprendizagem se dá com a prática, o que é então que acontece quando, num quebra-cabeças, percebemos o lugar de uma peça sem nunca termos feito tentativas anteriores?

Referência

BOCK. Psicologias. Ed. Saraiva. 2009. .(5ª ed.)

A PSICOLOGA DO DESENVOLVIMENTO



Imagem: Psicologia do Desenvolvimento

Fonte: <http://omeumundodofaz-de-conta.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-afinal-psicologia-do.html>

Esta área de conhecimento estuda o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social – desde o nascimento.

BOCK, FURTADO & TEIXEIRA (2009) colocam que:

Existem várias teorias do desenvolvimento humano em psicologia. Elas foram construídas a partir de observações, pesquisas com grupos de indivíduos em diferentes faixas etárias ou em diferentes culturas, estudos de casos clínicos, acompanhamento de indivíduos desde o nascimento até a idade adulta (...)

Para termos uma ideia da importância do estudo do desenvolvimento humano, mais uma vez cita-se BOCK, FURTADO & TEIXEIRA (2009).

A criança não é um adulto em miniatura. ao contrário, apresenta características próprias de sua idade. Compreender isso é compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano... Estudar o desenvolvimento humano significa conhecer as características comuns de uma faixa etária, permitindo-nos reconhecer as individualidades, o que nos torna mais aptos para a observação e interpretação dos comportamentos.

Todos esses aspectos levantados têm importância para a Educação. Planejar o **que** e **como** ensinar implica em saber quem é o educando...

E, finalmente, estudar o desenvolvimento humano significa descobrir que ele é determinado pela interação de vários fatores. (Pág. 81)

FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Vários fatores permanentemente associados, e também em permanente interação, afetam todos os aspectos do desenvolvimento humano. São eles:

- **Hereditariedade** – corresponde à carga genética que estabelece o potencial do indivíduo, que pode ou não desenvolver-se. Existem algumas pesquisas que mostram os aspectos genéticos da inteligência. No entanto, a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo das condições que encontra no meio.
- **Crescimento orgânico** – refere-se ao aspecto físico. Ou seja, ao aumento de altura e a estabilização do esqueleto que permitem ao indivíduo comportamentos, e, um domínio do mundo que antes não existiam. Pense nas possibilidades de descobertas de uma criança quando começa a engatinhar e depois a andar, em relação a quando esta criança estava no berço com alguns dias de vida.
- **Maturação neurofisiológica** - é o que torna possível determinado padrão de comportamento. A alfabetização das crianças, por exemplo, depende dessa maturação. Para segurar o lápis e maneja-lo, é necessário um desenvolvimento neurológico que a criança de 2, 3 anos não tem. Observe como ela segura o lápis, não com o movimento de pinça, que já é mais desenvolvido, mas com a mão fechada num todo.
- **Meio** – o conjunto de influências e estimulações ambientais influenciam padrões de comportamento no sujeito. Por exemplo, se a estimulação verbal for intensa, num dado ambiente, uma criança de 3 anos pode ter um repertório verbal muito maior que a média das crianças de sua idade, mas, ao mesmo tempo, pode não subir e descer com facilidade uma escada, se esta situação não tiver feito parte de sua experiência.

ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento humano deve ser entendido em uma globalidade, mas, para efeito de estudo, é abordado a partir de quatro aspectos básicos:

- **Aspecto físico-motor** – refere-se ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica, à capacidade de manipulação de objetos e de exercício do próprio corpo. Exemplo: uma criança consegue levar a mamadeira à boca e toma-la sozinha, por volta dos 7 meses, porque já coordena os movimentos das mãos.
- **Aspecto intelectual** – é a evolução da capacidade de pensamento, raciocínio. Por exemplo, uma criança de 2 anos que usa o cabo de uma vassoura para puxar o brinquedo que rolou para baixo de um móvel, ou o jovem que planeja gastos com seu salário.
- **Aspecto afetivo-emocional** – é a forma particular do indivíduo integrar as suas experiências. É o sentir...
- **Aspecto social** – refere-se à maneira como o indivíduo reage diante das situações que envolvem outras pessoas. Por exemplo, em um grupo de crianças, no parque, é possível observar algumas que espontaneamente buscam outras para brincar, e algumas que permanecem sozinhas.

Analisando estes exemplos, vamos perceber que todos os outros aspectos estão presentes em cada um dos casos. E é sempre assim. Não é possível encontrar um exemplo 'puro', porque todos estes aspectos permanentemente se relacionam.

Todas as teorias do desenvolvimento partem do pressuposto de que esses quatro aspectos são indissociados, mas elas podem enfatizar aspectos diferentes, isto é, estudar o desenvolvimento global a partir da ênfase em um desses aspectos. A psicanálise, por exemplo, estuda o desenvolvimento a partir do aspecto afetivo-emocional, isto é, do desenvolvimento da sexualidade e Piaget enfatiza o desenvolvimento sob o aspecto intelectual.

Referência

BOCK. Psicologias. Ed. Saraiva. 2009. (5ª ed.)

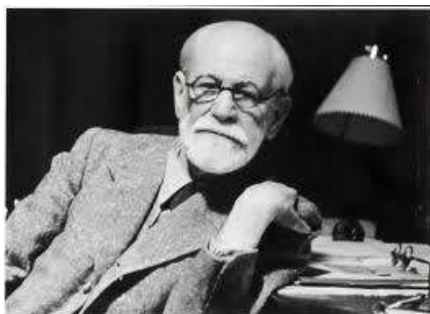


Imagem: S. Freud

Fonte:

[www.http://antropofocus.com.br](http://antropofocus.com.br)

A PSICANÁLISE E **ALGUMAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES**

Sigmund Freud nasceu em 1856, na Áustria, e faleceu em 1939, na Inglaterra. Aos 16 anos ingressou na faculdade de Medicina e até os 20 anos de idade, estudou a fisiologia da mente humana, tentando. Quando um pesquisador chamado Waldayer, alcança antes de Freud, a técnica que comprova a existência das células específicas do sistema nervoso. Aqui, Freud afasta-se dos estudos fisiológicos para se dedicar ao psiquismo humano.

Através da observação de muitos pacientes afetados por problemas emocionais, Freud foi montando e atualizando sua teoria durante todo o seu tempo de estudo. Até que chegou a um modelo de aparelho psíquico, onde explica a interação dos desejos e das influências sociais na formação da nossa mente. Criou a escola de pensamento chamada Psico-análise, hoje conhecida como Psicanálise, tornando-se talvez, a figura mais famosa da psicologia. Esse Médico austríaco durante o dia tratava pessoas com “distúrbios” nervosos e à noite escrevia suas observações e pensamentos. E concluiu dessas observações, que todo o comportamento é motivado por algo e que os motivos podem estar escondidos no indivíduo, o que leva muito comportamento a parecer irracional. A fonte básica desses motivos é a *libido*, a *energia libidinal*, ou seja, o impulso de busca do prazer.

Freud dá o nome de *libido* ao impulso sexual. *Libido* é uma palavra latina, feminina e que significa prazer.

Em 1900 Freud apresentou o que seria a primeira concepção sobre a estrutura da personalidade, esta mesma refere-se a três sistemas: CONSCIENTE, PRÉ-CONSCIENTE E INCONSCIENTE.

Inconsciente seria tudo aquilo que “não está presente no campo atual da consciência.” (FREUD in BOCK, P. 73, 2009)

No pré-consciente estariam os conteúdos acessíveis à consciência.

Na consciência estariam todas as informações de que imediatamente temos lembrança.

Entre 1920 e 1923 surge uma segunda concepção que explicava melhor a complicada estrutura de personalidade do ser humano. Veja a seguir:

Freud dividiu a personalidade humana em 03 elementos: ID, EGO e SUPEREGO.

O ID: Segundo a Psicanálise, quando nascemos somos puro desejo, e solicitamos a satisfação imediata destes mesmos. Não temos limites ou sequer temos consciência destes. Se uma criança chora com fome, ela não saberá esperar até a hora determinada para comer, irá chorar até que seu desejo de comer seja satisfeito. Pois quando nascemos, somos puramente ID. O que é isso? Bom, o ID é a mais profunda instância psíquica, e é totalmente inconsciente. É nele que moram os desejos, é do ID que vêm os sonhos e é para lá que vão os conteúdos que reprimimos durante a vida, por exemplo, as pessoas menos reprimidas interiormente liberam mais o seu ID (seu desejo) e são mais soltas e descontraídas.

O ID tem parte inata e parte adquirida, o desejo de satisfazer as necessidades básicas, como a fome e a sede, são exemplos de uma parte inata do nosso inconsciente, ninguém precisa nos ensinar isso, assim como os reflexos, impulsos e instintos sexuais e agressivos. A parte adquirida são os conteúdos recalcados em nosso inconsciente, como desejos que não puderam ser satisfeitos devido à repressão do mundo externo.

É a parte irracional, é biológico e existe em todas as pessoas. É movido pelo *princípio do prazer*. Os impulsos do ID são inconscientes.

O SUPEREGO: instância psíquica responsável pelas nossas censuras internas e pelos nossos limites, se forma a partir das interferências do meio social em que vivemos. No SUPEREGO estão nossas noções do que é certo e do que é errado. Ao nascermos, não temos noção destas coisas, mas a partir do convívio com meio social, começamos a internalizar essas noções, que com o passar dos anos passam a fazer parte de nossa personalidade. Por exemplo: quem é que precisa parar para pensar perante uma ordem de sair de casa completamente nú? Ninguém perde o seu tempo filosofando se seria isto certo ou errado, pois automaticamente sabemos que esta não é uma conduta comum em nosso meio. Ou seja, este nosso limite foi aprendido através do meio social em que vivemos e como nos formamos neste meio, as aprendizagens morais que tivemos nele, passam também a ser parte de nós.

Desde que nascemos já estamos inseridos num grupo social, do qual vamos recebendo influências constantes. Deste grupo vamos absorvendo, aos poucos, os conceitos e regras morais que vão construir parte de nossa personalidade. É esta força, adquirida ao longo de nossas vidas, que chamamos *SUPEREGO*.

O ID e o SUPEREGO são forças opostas dentro de nós, uma vez que o ID é regido pelo prazer e o SUPEREGO pelos conceitos morais.

O EGO: é o que procura manter o equilíbrio entre essas forças opostas (ID e SUPEREGO), o EGO monta “estratégias” para resolver os conflitos. Por isso, poderíamos dizer que é nosso senso de razão.

É uma espécie de filtro dos nossos desejos, ele seleciona os impulsos e desejos do ID e pode até mesmo disfarçá-los para que apareçam de uma forma mais branda. Por exemplo: Alguém que tem um furor sexual inato e tende a reprimir este furor, para não ser visto pela sociedade como um maníaco ou como um perverso; pode através de um casamento precoce, ter a oportunidade de satisfazer a sua “gula” sexual, direcionando o seu furor para uma conduta socialmente aceitável, que é o casamento como instituição. Pois, mesmo que precocemente, o casamento é mais aceitável socialmente do que a libertinagem sexual. Esta é uma forma, mesmo que inconsciente, que o EGO, pode encontrar para defender a personalidade de sofrer com a repressão e ao mesmo tempo garantir, de uma forma socialmente aceita, a satisfação de um desejo inconsciente.

OBS: No momento em que um educador lida com pessoas, é importante que ele tenha conhecimento de teorias que tratam delas, e da constituição das personalidades. Não podemos esquecer que a escola educa, mostrando o que é certo e o que é errado, mas que nossos alunos apresentam desejos e problemas bem próprios, e que reagem de formas diferentes a estes problemas, e que demonstrando compreensão por eles, podemos estar ajudando mais do que imaginamos.

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

Freud foi ousado para os padrões da época, ao falar de sexualidade infantil. Para ele o impulso sexual é nato e se manifesta desde bebê; o que se percebe através da observação de crianças e da similaridade de manifestações deste impulso entre crianças e adultos, nestes últimos de forma mais “madura”.

No ano de 1905, S. Freud escreveu o livro “*Três ensaios sobre a sexualidade*” e distribuiu em 05 as fases das manifestações do desenvolvimento libidinal, desde quando nascemos até a idade adulta. É importante ressaltar que a transição de uma fase para a outra é gradual e que suas durações podem variar de um sujeito para o outro.

VEJA O QUADRO NA PRÓXIMA PÁGINA

DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

FASE ORAL (1º MOMENTO NA VIDA DO BEBÊ)	FASE ANAL INÍCIO: MAIS OU MENOS 2/3 ANOS	FASE FÁLICA INÍCIO: MAIS OU MENOS 5 ANOS	PERÍODO DE LATÊNCIA INÍCIO: MAIS OU MENOS 7 ANOS	FASE GENITAL INÍCIO: ADOLESCÊNCIA
<ul style="list-style-type: none"> • Energia psíquica voltada para a boca (boca é a zona “erógena”, porque nesta época da vida, é a forma como a criança experimenta o mundo). • Ao nascer o 1º reflexo é o de sucção (o ato de mamar). • Aos poucos, a criança tende a pôr objetos na boca, conhece o mundo através da oralidade, experimenta as coisas através da boca. 	<ul style="list-style-type: none"> • A energia psíquica está mais voltada para o controle esfinteriano. • É comum, nesta fase, as crianças brincarem com as fezes, às vezes até come-las. • Como a criança ainda não tem conhecimento de que as fezes são os restos que o organismo não aproveitou, ela brinca e manipula algo que saiu de dentro dela, ela sente estas fezes como produto dela. • Nesta fase começa a se desenvolver o controle dos esfíncteres. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nesta fase é comum a manipulação dos órgãos genitais. Ainda não é masturbação, pois esta última está vinculada à fantasia e aqui a criança manipula os genitais, pois começa a se descobrir, a descobrir lhe traz sensação de prazer. Ainda não há fantasia sexual propriamente dita, vinculada ao ato. • Auge do Complexo de Édipo 	<ul style="list-style-type: none"> • Aqui há um período de descanso da Energia Sexual. • A criança não quer saber da Sexualidade. • Fica zangada quando alguém brinca dizendo que ela tem namorado. • Este período é crucial para que a menina se identifique com a mãe (para um dia ter um namorado, como a mãe tem o pai). • E o menino se identifique com o pai (para ter uma mulher como o pai tem). 	<ul style="list-style-type: none"> • Aqui as zonas erogenizadas são os órgãos genitais. • O prazer não é só no descobrimento do corpo. • O prazer é o orgasmo, é o sexo propriamente dito.

Segundo a psicanálise, o nosso desenvolvimento pessoal e emocional é³⁴ significativamente influenciado nos 07 primeiros anos de vida. E indo ainda mais longe, alguns autores crêem que este desenvolvimento ainda é mais marcante no início da 1ª infância, ou seja, nos 03 primeiros anos de nossa vida. Então, práticas inadequadas de educação podem, estatisticamente falando, levar a prejuízos no ajustamento emocional.

Referencias

BARROS, Célia silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escolar, São Paulo, Editora Ática, 1998. 5ª edição.

BOCK, Ana M. et alii. Psicologias. São Paulo. Ed.Saraiva. 2009. 5ª edição.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a sexualidade*. In: *Obras completas*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1990. 3ªedição.

HOFFER, Willi. *O Desenvolvimento Primitivo e a Educação da Criança*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1983.

ADOLESCÊNCIA



Imagem: Turma da Mônica Jovem

Fonte: <http://panoramageek.wordpress.com/2008/11/30/turma-da-monica-jovem-um-beijo-e-quatro-edicoes-depois/>

Período da vida que compreende entre a puberdade e a virilidade.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Educação é um período que vai dos 13 aos 18 anos.

Dos 10 aos 19 anos é a faixa estimada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

De acordo com (EISENSTEIN, 2005) Professora-doutora da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, “Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos”.

Percebe-se que a idade média do início da adolescência vem diminuindo ao longo do tempo, por exemplo, no século XIX a menarca (primeira menstruação) ocorria entre os 15 e os 17 anos de idade; na década de 1930, as meninas tinham sua menarca, em média aos 13 anos e meio de idade, na década de 1960 estudos mostravam que esta idade caíra para 12 anos e 03 meses de idade. No final do século XX esta média de idade fica em 12 anos e 2 meses.

Nos padrões de hoje, a puberdade precoce só é considerada precoce se ocorre desenvolvimento mamário e aparecimento de pelos antes dos sete anos de idade. O ciclo menstrual tem se iniciado antes dos 10 anos de idade.

EISENSTEIN (2005) nos coloca que :

É importante enfatizar que, devido às características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta época, e denominadas de *assincronia de maturação*, a idade cronológica, apesar de ser o quesito mais usado, muitas vezes não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.

- A adolescência é um estágio de maturação biológica e psicológica do ser.

Características principais:

- 1) Busca de si mesmo e de uma identidade própria – esta se revela através de comportamentos que demonstram claramente o desejo de fazer coisas, sozinho.

Desejo este que quando contrariado causa grande frustração, uma vez que há uma necessidade de mostrar (principalmente para si mesmo) que é uma pessoa capaz.

- 2) Crises de identidade – estas, muitas vezes, surgem a partir das mudanças do próprio corpo e da produção hormonal que pode também levar á instabilidade de humor. Porém, não são apenas estes os fatores que levam aos conflitos adolescentes, uma vez que a estrutura familiar tem grande peso nisso. O adolescente tem mais chances de passar por uma adolescência mais tranqüila se: teve a oportunidade de passar por uma infância também relativamente tranqüila; se a família ouve e respeita os seus pontos de vista – orientando quando necessário e não apenas criticando; se seus questionamentos e suas dúvidas são respondidas com clareza e sinceridade. (Há pais que não respondem as dúvidas de seus filhos com clareza e acabam criando uma confusão ainda maior dentro do adolescente).

As crises de identidade podem levar o adolescente a refugiar-se em seu mundo interior ou a buscar o grupo. No caso o grupo de pares, ou seja, de seus iguais, de seus semelhantes de pessoas que apresentam os sentimentos semelhantes aos seus. No grupo o adolescente consegue aconchego, pois está em contato com pessoas parecidas com ele já que ele, não é mais uma criança e nem é adulto ainda. O grupo de seus semelhantes ajuda a criar uma nova identidade, uma identidade adolescente, uma vez que ele se identifica com o grupo que possui vários sentimentos e pensamentos em comum aos seus, criando com estes novos pensamentos e criando em si novos parâmetros. Isso se revela na identidade própria que um grupo possui o uso de certas roupas, de penteados de vocabulário e de gestos próprios.

- 3) Necessidade de intelectualizar – uma fuga de certos tipos de sentimentos que não consegue enfrentar. Por exemplo: a frustração ao ouvir um NÃO dos pais, sobre algo que deseja alcançar, pode levar o adolescente a tentar “arrancar” um SIM através de manobras com explicações lógicas para convencer os pais, uma vez que nesta etapa do desenvolvimento o pensamento já está suficientemente bem desenvolvido para “pensares” mais elaborados.
- 4) Separação progressiva dos pais – uma tendência natural na adolescência. Aqui há maior problema por parte dos pais do que por parte dos próprios adolescentes.
- 5) Mudanças constantes de humor e ânimo – que podem estar vinculadas às produções hormonais. O aumento na produção de hormônios sexuais acredita-se, interfere na produção de serotonina uma substância que interfere no nosso estado de humor.

Adolescência tem sido uma fase tradicionalmente considerada um período crítico no desenvolvimento em várias culturas. Representa uma época de considerável tensão **dentro da nossa sociedade**. Alguns cientistas colocam que estes comportamentos ocorrem devido a ajustamentos de mudanças fisiológicas da puberdade, que incluem o aumento da produção de hormônios sexuais. Outros pesquisadores tendem considerar a cultura como um fator primariamente responsável pelas dificuldades dos adolescentes, considerando que é uma fase de ajustamentos sexuais, de preparo vocacional e de desenvolvimento de uma filosofia de vida básica. Em culturas com demandas sociais menos complexas, a adolescência não é vista como um período de ajustamento particularmente difícil.

Logo, é um equívoco pensar que os adolescentes são todos parecidos, defrontam-se com os mesmos problemas e necessidades, reagindo de modo similar. Pois as evidências mostram que estas são ideias super simplificadas e enganosas. Sem dúvida, adolescentes repartem experiências e problemas comuns. Todos passam pelas alterações fisiológicas, todos se defrontam com a necessidade de estabelecer uma identidade própria.

Mas, mesmo com as semelhanças, permanece o fato de que adolescentes não são todos iguais e também não se defrontam com as mesmas exigências ambientais. Os problemas que acometem um jovem desfavorecido socioeconomicamente, vindo de um lar destruído, vivendo em condições precárias, são bem diferentes dos problemas vividos por um adolescente economicamente favorecido, e/ou vindo de uma família protetora e afetuosa; as respostas de jovens vindos de ambientes tão diferentes podem divergir significativamente.

Desenvolvimento físico

Os jovens devem se ajustar a modificações fisiológicas e morfológicas inter-relacionadas, que ocorrem, gerando uma evidente maturação sexual. A puberdade inicia-se com o alargamento gradual dos ovários (e órgãos relacionados, como o útero), nas mulheres, e da glândula próstata e vesículas seminais, nos homens. A puberdade é indicada também pelo aparecimento dos seios, pela primeira menstruação (a menarca) e aparecimento de pêlos pubianos.

Fatores endocrinológicos no desenvolvimento

Mudanças fisiológicas e corporais ocorrem nesta época e ocorrem pois há um aumento da produção de hormônios ativadores da glândula pituitária anterior, que fica localizada imediatamente abaixo do cérebro. O hormônio pituitário, produzido por esta glândula, estimula as gônadas (glândulas sexuais), incrementando a produção de hormônios sexuais, estimulando a produção de espermatozoides e amadurecimento de óvulos, em homens e mulheres, respectivamente. Esses hormônios sexuais incluem a testosterona nos meninos e o estrógeno nas meninas, que ao se combinarem com outros hormônios, estimulam o crescimento de ossos e músculos, estimulando o estirão do crescimento.

Estirão de Crescimento na Adolescência

O estirão de crescimento refere-se a uma alteração no aumento de altura e peso que ocorre no início da adolescência. Esse aumento varia de intensidade, duração e idade de surgimento, os motivos incluem tendências genéticas e condições ambientais como a boa alimentação.

O estirão de crescimento, para os meninos, pode se evidenciar desde os 10 anos ou só aos 16 anos. Mas para o menino, a aceleração do crescimento tem início por volta dos 13 anos; a taxa de crescimento atinge seu ponto máximo em torno dos 14 anos e declina por volta de 15 anos e meio. O crescimento posterior é mais lento e pode perdurar por vários anos.

Para meninas, o estirão de crescimento pode começar já aos 7 anos e meio ou só aos 11 anos e meio. Sendo a aceleração mais acentuada alcançada aos 12 anos, em média, e decrescendo rapidamente até atingir as taxas que tinham antes do estirão, por volta dos 13 anos; então um crescimento mais lento se segue, continuando ainda por alguns anos.

A crença popular de que meninas amadurecem mais cedo do que meninos, deriva do fato de meninas chegarem a sua altura e peso de adulto cerca de dois anos mais cedo que meninos.

Na aceleração das dimensões do crescimento; o comprimento das pernas atinge seu máximo primeiro, seguido pela largura corporal onde a dos ombros é a última. As estruturas que crescem primeiro são a cabeça, as mãos e os pés. Assim, os adolescentes se queixam de ter mãos e pés grandes. Podemos assegurar-lhes de que, na época que tiverem chegado ao seu ponto máximo de crescimento, suas mãos e pés serão proporcionais aos seus braços, pernas e tronco.

Além do aumento no peso e altura, também ocorrem alterações menos óbvias, como aceleração no desenvolvimento muscular que é acompanhada de aumento de força. A estrutura esquelética cresce muito, mas há também um crescimento, relativamente pequeno, no tamanho do cérebro. Pois, embora tenha atingido cerca de 50% de seu peso adulto ao redor dos 10 anos de idade, o jovem no início da adolescência já adquiriu 95% de seu peso cerebral adulto.

Inter-relações entre fatores de crescimento

Um menino que evidencia estirão de crescimento precoce desenvolverá mais cedo pelos pubianos; a menina que tem menarca precoce apresentara desenvolvimento precoce de seios, mas pode também crescer menos.

Numa perspectiva psicológica, a idade maturacional, inclusive maturação sexual, varia e não está relacionada a anormalidades físicas, ao contrário são perfeitamente normais e não pressagiam dificuldades posteriores ao desenvolvimento físico ou ao funcionamento sexual.

Aspectos psicológicos do crescimento e desenvolvimento adolescente

O desenvolvimento de sua própria identidade como uma pessoa, a identidade do ego, requer percepção de si mesmo como um ser separado dos outros (apesar de ter vínculos com eles). O adolescente enfrenta aumento de estatura, mudança nas dimensões corporais, mudanças objetivas e subjetivas. É óbvio que tanta mudança ameaça a autoconsciência, e o adolescente precisa de certo tempo para integrá-las.

Contudo, a autopercepção do adolescente nem sempre é resultado de uma realidade objetiva. A percepção de um adolescente sobre si é influenciada por experiências anteriores que podem leva-lo a ter uma boa autoimagem ou não. Ou seja, a se perceber como alguém forte ou fraco, inteligente ou não, atraente ou não; e isto tem vínculo com relações estabelecidas antes da adolescência e não apenas com a imagem corporal do mesmo.

Referências

BEZNOS, Geni Worcman. Distúrbios menstruais. Em: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2062&fase=imprime. Acesso em: ago/2012.

CAMPOS, Dinah M. de S. Psicologia da adolescência. Vozes, Petrópolis, 2006, 20ª ed.

DUARTE, Sérgio G., *Dicionário Brasileiro de Educação*, Antares, RJ, 1986.

EISENSTEIN, Evelyn (et all). Adolescência: definições, conceitos e critérios. Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente / UERJ. Publicação oficial ISSN: 2177-5281 (Online) Vol. 2 nº 2 - Abr/Jun - 2005

MUSSEN, CONGER & KAGAN. Desenvolvimento e personalidade da criança. HABRA, SP, 1974, 4ª ed.

XIMENES, Francisco Rosemiro Guimarães (et all). Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem. Em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/2670/267019611006.pdf>. 2006.

ABORDAGEM BEHAVIORISTA OU COMPORTAMENTAL

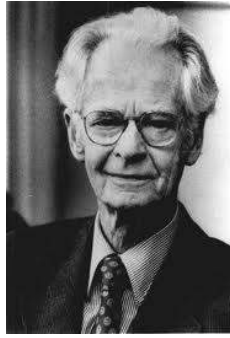
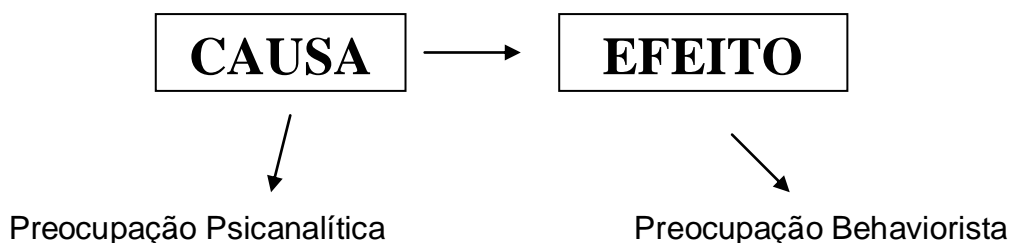


Imagem: SKINNER

Fonte: <http://www.mdtbcomportamental.blogspot.com>

- Behaviorismo → do inglês behavior, significa conduta ou comportamento, esta abordagem é também conhecida no Brasil como a Teoria Comportamental.
- Em que consiste esta abordagem? Diferente da psicanálise, que para entender um problema procura descobrir quais foram as suas causas, o Behaviorismo se preocupa com o problema em si, não se interessando diretamente pelo que o causou. Foca mais no sintoma (aquilo que se pode ver).



Exemplos:

- 1) Se alguém sofre de medo de escuro, o Behaviorismo desenvolveu técnicas de dessensibilização que auxiliam o indivíduo a se libertar do medo, sem necessariamente verificar a origem dele.
- 2) Se um aluno sofre de medo da autoridade e por isso não consegue aprender, pois vê o seu professor como uma figura superior, uma técnica de aproximações sucessivas, confrontará gradativamente este aluno com o professor (o seu suposto medo) para que este aluno, vendo que o professor não lhe causa mal, possa criar com ele um vínculo de confiança, dissipando o medo.

- Os comportamentalistas ou behavioristas acreditam que o ser é fruto de aprendizagens. “Todos os atos da vida, consciente ou inconsciente, são determinados pela aprendizagem.” (Sechenov – 1866)
- Aprendizagem → Fruto de treino e experiências passadas.

ALGUNS ESTUDIOSOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CRIAÇÃO DA ABORDAGEM

Watson - Descrevia o comportamento objetivo, ou seja, se um aluno tem, por exemplo, uma dificuldade de aprendizagem vai sugerir que ele seja trabalhado em sua dificuldade específica, com treinos, exercícios e premiações quando apresentar as respostas corretas desejadas. Não há uma preocupação significativa com o que pode ter levado este aluno a estar tendo dificuldades. Acreditava que toda a personalidade humana era fruto de aprendizagem, logo se eu aprendi errado posso trabalhar objetivamente para mudar isso.

Thorndike – Num experimento com ratos, colocava-os numa caixa e os mesmos só conseguiam sair de lá quando manobravam um ferrolho acidentalmente. Eram novamente colocados lá e cada vez era menor o tempo que levavam para descobrirem o ferrolho e saírem da caixa, os animais aprendiam sem qualquer tipo de reforço. A conclusão deste pesquisador foi que a aprendizagem se dá através do efeito que o prazer ou desprazer de uma ação provoca sobre os indivíduos. Postulou assim “a lei do efeito”, acreditando que o efeito, ou seja, que a conseqüência de uma ação, possa ser por si só, um agente reforçador (quando a conseqüência do ato é positiva) ou um agente punidor para o sujeito (quando a conseqüência de seu ato for negativa para ele).

Hull Tentou construir uma lei Psicológica que não fosse sugestiva e sim, matemática. Chegou mesmo a elaborar a seguinte fórmula:

$$eE = D \cdot V \cdot K \cdot eHr$$

eE → possibilidade ou intensidade de um comportamento

D → motivação associada ao comportamento

V → intensidade do sinal para o comportamento

K → grau de incentivo

eHr → grau de hábito

Exemplo para a melhor compreensão da fórmula de Hull:

* (eE) Qual a Possibilidade de você dar um SOCO em alguém?

* (D) Digamos que o sujeito tenha te xingado.

* (V) Digamos que ele tenha verbalizado duvidar que você reagisse aos seus xingamentos.

* (K) Digamos que este xingamento estivesse ofendendo profundamente o seu moral.

* digamos que você tenha o costume de ser agressivo com aqueles que te frustram.

NOSSA!!! Temos aqui um terreno fértil para que o sujeito seja SOCADO, mas nós sabemos que não é sempre assim que acontece. Pois, muitas vezes temos a situação propícia para que um comportamento ocorra, mas ele NÃO NECESSARIAMENTE ocorre.

Esta teoria se dissipou, por ter aplicação limitada e muitas vezes incorreta.

Tolman – Concluiu em seus experimentos, que o pensamento ocorria devido às observações externas, a partir do observado podemos formular hipóteses sobre as coisas e ter insights. (nos dias de hoje talvez fosse classificado como teórico **cognitivista**).

Skinner – Descobriu a capacidade que o reforço tem de influenciar o comportamento humano. Investigou a capacidade que determinados reforços têm de serem abstraídos pela mente humana, a ponto de exercerem poder sobre o comportamento.

Mas como teórico behaviorista, dava mais ênfase ao estudo do comportamento e da experiência do que ao subjetivismo humano. Para Skinner, não era importante que se conhecesse o funcionamento do psiquismo do homem, pois isso não alterava o comportamento, pois o comportamento é fruto de experiência e só pode ser mudado através do reforço.

O objetivo de Skinner era organizar o comportamento, adaptá-lo ao ambiente, ajustá-lo à resolução de problemas práticos e à resolução das atividades da vida diária.

O QUE É COMPORTAMENTO SEGUNDO SKINNER? Uma variável dependente, ou seja, que pode ser mudada, modificada, manipulada; já que, depende das condições ambientais em que o sujeito esteja inserido.

Importante no pensamento Skinneriano: O COMPORTAMENTO

Para esta abordagem, todo o estímulo (E) provocará uma Resposta(R) um comportamento que possui uma relação direta com ele. Veja os exemplos:

Ex. 1) Fome \longrightarrow Comer
 E \longrightarrow R

*Como se explicaria então uma anorexia nervosa?

2) Baixo Q.I. \longrightarrow Dificuldade de Aprendizagem
 E \longrightarrow R

*Como se explicaria então, alunos inteligentes e com dificuldades de aprendizagem?

Um aluno apresenta dificuldade em aprender matemática, a técnica skineriana vai treinar este aluno nos exercícios matemáticos e utilizar reforços positivos (como dar um doce, por ex.:

todas as vezes que o aluno acertar os exercícios), objetivando que este comportamento, que esta resposta desejada, se reapresente outras vezes.

Se o educador tentar buscar o motivo que está levando este aluno a ter dificuldades em matemática (O aluno pode, por exemplo, ter um problema familiar sério que possa estar refletindo justamente na matemática, se esta for seu ponto fraco) então, compreendendo o problema do aluno, o profissional de educação poderá ter outra visão do caso e ensinar à este aluno com mais compreensão, possibilitando não só que ele treine reproduzindo os exercícios, mas mostrando à ele, através de atitudes, que está disposto a ajudá-lo a aprender e a ouvi-lo quando for necessário).

ALGUMAS FORMAS DE APRENDIZAGEM

HABITUAÇÃO:

Repetida exposição a um mesmo estímulo, o que propicia respostas apáticas, que a pessoa pode reproduzir até num estado de sono.

Por ex.: o homem foi casado 20 anos com a mesma mulher. Fica viúvo e casa-se novamente, e dormindo chama a esposa atual pelo nome da falecida.

CONDICIONAMENTO CLÁSSICO:

A principal característica desta forma de aprendizagem é o emparelhamento de Estímulos Condicionados (que geram respostas que foram aprendidas, ou seja, condicionadas a ele) e incondicionados (que geram respostas que não precisam ser condicionadas a ele). Veja o experimento do psicólogo russo Pavlov, descrito abaixo:

Experimento de Ivan Pavlov:

Pavlov utiliza um cão para fazer este experimento, ele apresenta ao animal um succulento pedaço de carne e o cão, é lógico, começa a produzir saliva. Logo depois Pavlov começa a tocar uma campainha antes de cada vez que vai dar carne ao cão, chega um determinado momento em que o cão começa a salivar apenas com o som da campainha, pois ele está condicionado a esta, associando-a com a carne que virá em seguida.

Veja o esquema mostrado a seguir, onde: Ec - é Estímulo condicionado, Ei - é Estímulo Incondicionado, Ri - é Resposta incondicionada e Rc - é Resposta condicionada.

1º momento do experimento:

Cão → campainha → Mostra carne → Cão Saliva
Ec Ei Ri

2º momento do experimento:

Cão → Toca a campainha → O cão saliva
Ec Rc

CONDICIONAMENTO OPERANTE:

Tem como principal característica o reforço.

Tipos de Reforço

A) Reforço Positivo – Também pode ser chamado de recompensa, é apresentado após a emissão de uma resposta. Ex.: Faz o dever de casa, ganha sorvete.

B) Reforço Negativo _ Consiste no suprimento do reforço após a emissão de uma resposta. Ex.: Criança não gosta de óleo-de-fígado-de-bacalhau, a ministração do mesmo é suspensa quando a criança come tudo. Suspende-se o negativo com o intuito de que a criança coma bem das próximas vezes, para não precisar tomar o remédio ruim. Logo, objetivando a reapresentação da resposta esperada.

C) Reforço Primário _ Relacionado à satisfação das necessidades básicas. Ex.: Vestir-se para não sentir frio. O Prazer do aquecimento das roupas é o reforço para que a resposta de procurar vestimentas ocorra.

D) Reforço Secundário _ Criado a partir da associação de reforços primários. Ex.: Vestir-se na moda. (Além do aquecimento que a roupa proporciona, envolve: gostos, desejos, vaidade).

O trabalho com reforço, pode estabelecer vários tipos de treinos:

A) Treino com Recompensa _ Consecutivos reforços positivos até que a resposta automaticamente reapareça no indivíduo. Ex.: (Vide ex.: do Reforço Positivo).

B) Treino com Punição _ Diferente do Reforço Negativo, diz respeito à apresentação de um estímulo desagradável após a emissão de uma resposta, visando diminuir o reaparecimento da mesma. Ex.: O aluno que fica sem recreio até aprender que não deve espancar os colegas durante as brincadeiras. (Se fosse reforço negativo, deveria existir um estímulo negativo que seria suprimido após a emissão da resposta esperada).

C) Treino com fuga – É o próprio emprego do reforço negativo. Consiste em treinar o indivíduo para fugir da situação desagradável.

D) Treino com Evitação – Consiste em evitar o estímulo aversivo para que não seja sentido o estímulo desagradável. Ex.: um ratinho é colocado em uma caixa; todas as vezes que uma luz acende na caixa, ele leva um choque. Mas existe na caixa, uma barra que quando pressionada

suspende a corrente elétrica. O rato, ao levar o choque, fica andando aleatoriamente pela caixinha, até que, nas primeiras vezes, ele acidentalmente toca na barra e o choque é suspenso. Isso ocorre tantas vezes que o rato acaba passando a correr direto na direção da barra quando vê a luz acender, e não mais aleatoriamente, como fazia antes, evitando o choque.

(1º momento)

LUZ → CHOQUE → RATO FAZ PRESSÃO NUMA BARRA → SUSPENDE O CHOQUE

(2º momento)

LUZ → RATO FAZ PRESSÃO NA BARRA → SUSPENDE O CHOQUE

E) Treino com Omissão – É a suspensão de qualquer tipo de reforço quando uma resposta qualquer é dada pelo indivíduo. O objetivo aqui, é que o indivíduo avalie por seus próprios recursos se a resposta foi positiva ou não para si.

Referencias

BROADBENT, Donald E. Comportamento. SP, Ed. Perspectiva, 1972.

FALCÃO, Gerson M. A Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. Ática, 1984.

GOULART, Iris B. Psicologia da Educação. Petrópolis, Ed. Vozes, 2011. 17ª edição.

HERNSTEIN, R. J. & BORING, E. G. O Comportamentismo. SP, Ed. Heder e Ed. USP, 1971.

HILGARD, Ernest R. Teorias da Aprendizagem. SP, Ed. E.P.U. 1973. 4ª edição.

HOWE, Michael J. A. Introdução à Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. Vértice, 1987.

KELLER, Fred S. Aprendizagem, Teoria e Reforço. SP, Ed. EPU, 1987. 8ª edição.

MOULY, George G. Psicologia Educacional. SP, Ed. Pioneira, 1993. 9ª edição.

PILETTI, Nelson, Psicologia Educacional, SP, Ed. Ática. 1999. 17ª ed.

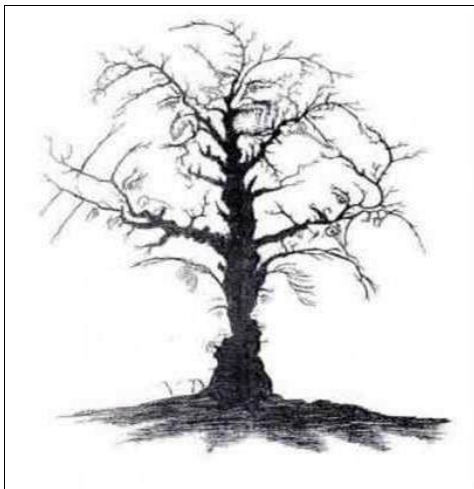
PAVLOV, Ivan P. Textos Escolhidos. SP, Ed. Abril cultural, 1984. 2ª edição.

SKINNER, Burrhus. F. Sobre o Behaviorismo. SP, Ed. Cultrix. 1982.

__ . __ - Ciência e Comportamento Humano. SP. Ed. Edart. 1974.

__ . __ - Tecnologia do Ensino. SP, Ed. Heder. 1972. 2ª edição.

WINTHER, Geraldina P. & LOSMONACO, José F.B. Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. EPU, 1987.



ENCONTRE OS 10 ROSTOS NA ÁRVORE

Fonte: <http://www.microsoftexcel.com.br/index.php/curiosidades/356-curiosidades-imagens-neurobicos/1170-imagens-interessantes-exercicios-neurobicos.html>

Gestalt – Termo alemão que significa: forma, aparência, estrutura, configuração, percepção.

Precursor: Wertheimer (1910) – Estudou como funciona a nossa percepção

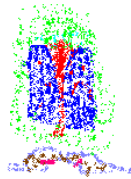
A gestalt é conhecida, aqui no Brasil, também como a Psicologia da Forma ou da Percepção. Para pensarmos PERCEPÇÃO, temos que compreender como ela funciona. Nós temos cinco órgãos dos sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato) e são estes, e janelas que nosso corpo tem para entrar em contato com o mundo, ou seja, é através dos órgãos dos sentidos que percebemos o mundo, e a percepção é o veículo para a aprendizagem. Mas, a percepção também é um conceito dinâmico, percebe:

Aspecto físico da percepção: Ex.: Percepção visual. / Raios de luz penetram na pupila, alcançam a retina e assim os impulsos, através do nervo óptico, chegam ao cérebro, transformando-se em percepção visual. Permitindo-nos ter, internamente, a concepção visual de estímulos, que são externos a nós.

Aspecto psíquico da percepção: A forma como cada um de nós percebe cada coisa e situação. Fatores do meio ambiente, integrados à personalidade de cada pessoa, organizam a percepção.

❖ ***Gestalt é um conceito dinâmico de percepção, que demonstra que as sensações e percepções se criam unicamente (de acordo com as individualidades de cada pessoa).***

A IMAGEM de uma determinada figura pode ser passiva, mas a PERCEPÇÃO desta figura é ativa, pois se configura de acordo, também, com a subjetividade.



Observe a figura acima. O que você vê?

Na realidade, não existe resposta correta para tal pergunta, uma vez que a percepção de tal figura pode variar de acordo com a pessoa que lhe observar. Logo, podemos concluir que a percepção de um mesmo fato pode variar de acordo com as individualidades de cada pessoa. O aspecto psíquico da PERCEPÇÃO fala da maneira como cada um percebe os fatos, os aspectos do ambiente e da personalidade, em interação, configuram a nossa forma de perceber o mundo.

Percepção é ponto de partida e tema central da teoria da Gestalt, experimentos com percepção levaram teóricos da Gestalt ao questionamento de um princípio implícito na Teoria Behaviorista – que há relação de causa e efeito entre o estímulo e a resposta – pois, para os gestaltistas, entre o estímulo que o meio dá e a resposta do sujeito, está o **processo de percepção**. O que um sujeito percebe e como percebe, são dados importantes para compreender o comportamento.

A gestalt considera que o comportamento não pode ser estudado de maneira isolada de um contexto, pois se não ele perde o significado, uma vez que o comportamento é apenas uma parte de um sistema que está ligada a um todo que é o sujeito.

Para esta teoria, o indivíduo desempenha papéis no meio, resultantes da interação do seu campo psicológico com o meio físico.

Diferente dos associacionistas, que acreditam que o pensamento se desenvolve a partir de estruturas mais simples para as mais complexas; os gestaltistas acreditam que o pensamento se desenvolve a partir da relação entre o todo e a parte, onde o todo tem papel fundamental na percepção do objeto percebido.

Exemplificando, é possível que uma criança, que não sabe ler, distinga a logomarca de um refrigerante e nomeie-o corretamente. Ela deu significado ao todo.

Kurt Lewin (1840-1947) trabalhou durante 10 anos com Wertheimer (o precursor da gestalt) e dessa colaboração nasceu o conceito de **Teoria Do Campo**, o principal conceito desta Teoria é o de **Espaço Vital** (a totalidade dos fatos que determinam o comportamento do indivíduo num

certo momento). Ou seja, não se pode levar em conta apenas o indivíduo e o meio, mas principalmente os fatos que coexistem mutuamente e interdependentemente.

O campo não deve ser compreendido apenas como uma realidade física e sim fenomênica, pois não são apenas fatos físicos que produzem efeito sobre o pensamento e sobre o comportamento; os objetivos conscientes e inconscientes, as emoções, os medos, as vivências, são parte do campo do sujeito tanto quanto o ambiente físico.

Na personalidade há características tanto emocionais, como as ligadas a situações passadas e também as que estão ligadas ao acontecimento presente. Tudo isto coexistindo, e, fazendo parte de nosso desenvolvimento cotidiano e das interpretações que fazemos do mesmo, ou seja, de nossa maneira de perceber o mundo, as pessoas, os fatos, as coisas.

Como exemplo de campo psicológico e espaço vital, contaremos um breve encontro:

Um rapaz, ao chegar a sua casa, surpreende os pais numa conversa e escuta o seguinte: “Ele chegou, é melhor não falarmos mais”. O rapaz entende que os pais conversam sobre um problema sério, do qual ele não deveria saber. Resolve não fazer comentários sobre o assunto. Dias depois, chegando novamente em casa, encontra seus pais na sala com dois homens de terno. Imediatamente, associa esses homens a conversa escutada e entende que eles, estão relacionados às preocupações dos pais.

Ocorre que a conversa referia-se a uma surpresa que os pais preparavam para seu aniversário, e os dois homens eram antigos colegas de seu pai, que aproveitaram a passagem pela cidade para fazer uma visita.

O que ocorreu aqui foi que a partir da experiência anterior, que não teve apenas um aspecto físico, pois foi interpretada pelo sujeito que a percebeu, a antiga experiência ganhou significado e consistência.

Veja a seguir, leis que estruturam nossa percepção:

FIGURA E FUNDO



O que podemos enxergar neste quadro apresentado?

_ Uma sereia. É claro!

Porém, esta é a primeira imagem que temos, ou seja, esta é a nossa figura, pois ao observarmos melhor identificaremos outros detalhes no quadro como: uma garça, nuvens no céu, o mar ao fundo.

Percebemos um objeto principal como figura (e este pode variar de pessoa para pessoa, já que a percepção projeta o estado funcional de nosso psiquismo) para depois percebermos que também outros detalhes constituem o mesmo quadro.

Somente depois de ter percebido a figura é que percebemos as outras configurações da mesma, ou seja, o fundo. E aquilo que é eleito como figura (parte principal) pode variar de pessoa para pessoa, já que a percepção projeta nosso psiquismo. Observe atentamente a história narrada a baixo:

“Tamires dormia tranquila, quando um ladrão entrou na casa, quando se deparou com aquele anjo dormindo sobre trapos pobres, tão pobres que lhe penalizou. O ladrão sentou-se e ficou ali por alguns instantes admirando a moça.

Já tomado de fascínio, esquecera o roubo. Quando de repente, Tamires começa a se remexer nos trapos e o ladrão então se dá conta de que ela poderia estar acordando, e percebe que horas já haviam passado, enquanto ele, ali, velava o sono daquela que passou a admirar”.

Parece ficar bem claro que a moça é a figura da história, mas a história ocorre apenas com ela? Não, outros personagens e detalhes constituem a mesma história, porém não se destacam enquanto figura, mas aparecem como fundo. Assim como em alguns momentos, para algumas pessoas, o ladrão ou a pobreza, ou qualquer outro fator,

pode ter se tornado figura, lançando Tamires para um plano de fundo no enredo, uma vez que a percepção se dá de acordo com as características internas de cada um de nós.

TOTALIDADE

A compreensão de um todo não é dada pela soma de suas partes isoladas, mas sim pela sua estrutura, pois o todo é mais do que a soma das suas partes.

Ex.: O que você vê no desenho a baixo? A resposta, na maioria das vezes, é: **um rosto**. Mas, o que caracteriza o rosto? Se detalhes que lhe seriam importantes para totalizá-lo como tal, não se encontram nesta figura?

Há uma tendência do psiquismo a perceber as coisas em sua totalidade. E não em elementos isolados.



Se mostrarmos uma bolsa, por exemplo, para alguém, e perguntamos que objeto é este? Ninguém tende responder: um objeto com, alças e um fecho e que serve para carregar outros objetos. Nós responderemos pelo todo, e diremos: UMA BOLSA!

A descoberta deste conceito refletiu sobre as técnicas de ensino e aprendizagem. Antes as crianças aprendiam o alfabeto isoladamente para depois construir, com as letras aprendidas, as palavras. Hoje, sabe-se que ensinando as letras, a partir das palavras, consegue-se uma forma mais eficiente de alfabetizar.

Aprende-se, a partir da percepção do todo, a identificar suas partes, e assim criar novas estruturas com elas.

Ex.: U V A



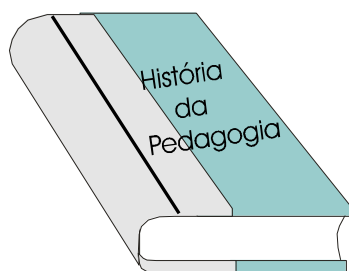
U de Uva, U de Urso, U de Unha / V de Vaca, V de Vida, V de Vidro / A de Ave, A de Amor,

A de Ana.

❖ Observe a pergunta: Quem descobriu a América? Critóvão Colombo.

Percebeu? Não? É... Mas falta um S na palavra Cristóvão. Dificilmente o leitor percebe erros de grafia nos livros, pois estamos acostumados a perceber as configurações globais.

Observe a figura a baixo. O que vê?

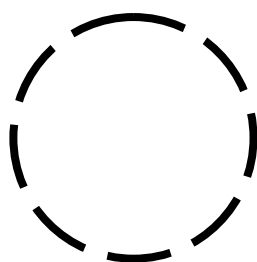


Não é preciso pensar muito, para se responder que se trata de um LIVRO.

Ninguém percebe um livro como sendo um conjunto de várias folhas com letras imprimidas, que constituem palavras, que por sua vez constituem frases e que por sua vez constituem textos. Nós sabemos que o livro é constituído de tudo isso, mas percebemo-lo num todo, como um livro.

E sabemos também, que apenas uma destas partes, isoladamente, não caracterizaria este objeto (Se eu digo: “Aqui tenho um monte de folhas escritas!” Não é mesmo que dizer “Aqui tem um livro.”).

FECHAMENTO



_ Que figura é esta?

_ A tendência é se responder: “Um círculo!”

Quando na verdade, foi a nossa percepção que formou este círculo, pois a figura mostra apenas um pontilhado de formato arredondado, as linhas não estão devidamente fechadas para caracterizar um círculo.

O homem tende a dar forma às aparências, para não se pegar no horror do vazio, está sempre organizando e configurando as coisas ao seu redor. O cérebro humano sempre procura dar um significado para aquilo que não conhece.

Da mesma forma, podemos fechar opiniões e concepções sobre as pessoas. Por exemplo, através de uma aparência física podemos concluir se são boas ou más, inteligentes ou não,

simpáticas ou antipáticas. Quando na realidade, podemos estar projetando nelas o nosso interior, e fechando uma concepção baseada em dados insuficientes para que se monte qualquer conclusão.

Se eu chego a sua casa e digo:

_ Tenho um assunto importantíssimo para tratar com você! Mas, agora não tenho tempo disponível para falarmos, volto daqui a três dias para conversarmos com mais calma!

Como é que você vai se sentir?

Com certeza, sua mente ficará elaborando inúmeras hipóteses sobre o fato, uma vez que procura fechar a percepção sobre aquele assunto.

Veja a situação abaixo, mais um exemplo de que nosso cérebro busca dar sentido e fechar a percepção das coisas:

Um rapaz passa em frente a um restaurante e vê lá dentro sua noiva sentada á mesa com outro homem. O rapaz para o carro na calçada do outro lado da rua e fica observando. O homem há todo momento, segura carinhosamente uma das mãos de sua noiva. O rapaz, indignado com o que presencia, vai para casa sentindo-se perdido e sem saber o que fazer. Ao anoitecer seu telefone toca, era sua noiva, dizendo que estava confusa com uma coisa que estava lhe acontecendo e que queria conversar. Ele sai ao seu encontro, pronto para enfrentar o fim do relacionamento.

Ao chegar à casa de sua noiva ele percebe que ela esteve chorando, e concluindo que o fim da relação seria doloroso também par ela, tenta se controlar deixando que ela conduza a conversa amigavelmente. Ela então começa a lhe contar que seu pai, que ela pensava estar morto, havia lhe procurado, telefonado e se encontrado com ela no restaurante. Toda a sua vida ela passara achando se órfã de pai, pois sua mãe, devido a uma mágoa, sempre disse para ela que seu pai estava morto. O noivo sentiu-se envergonhado e aliviado...

No processo de ensino e aprendizagem, vamos imaginar uma situação em sala de aula, onde o professor não fornece explicações claras aos alunos sobre o conteúdo da matéria, o aluno não teve dados suficientes para compreendê-la, então só lhe restará uma opção: DECORAR. Ele precisa organizar e fechar aquilo que foi dado de alguma forma, mas não tendo compreendido está sem opções mais elaboradas, e ele cai no velho DECOREBA.

Temos, enquanto profissionais de educação, que fornecer ao aluno a oportunidade de entender e perceber o conhecimento que está sendo oferecido. Por exemplo, o valor de “ π ” (letra do alfabeto grego, lê-se: pi), ensinado na matemática, na grande maioria das vezes o aluno memoriza mecanicamente este valor que é 3,14. No entanto, será que o aluno sabe de onde vem este valor?

Na maioria das vezes, a resposta à pergunta acima citada é NÃO. O aluno, sem saber de onde vem este valor, simplesmente o decora arbitrariamente.

PROXIMIDADE

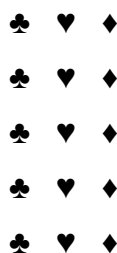
Veja a figura abaixo:



É mais difícil percebermos a figura acima representada, como sendo um só grupo de 03 objetos, pois a tendência inicial é percebermos 03 grupos com 02 objetos cada. Isto se dá devido à proximidade das linhas.

Da mesma forma que podemos perceber os objetos como fazendo parte de um mesmo grupo devido a sua disposição e relação de proximidade, podemos também fazer isso com os grupos de pessoas. Ditados populares exemplificam bem este enunciado. Tomaremos por exemplo o seguinte ditado: “Quem se mistura com os porcos, farelo come”. Sugerindo que se você está perto de quem faz uma bobagem você irá fazê-la também. Sabemos que existe certa verdade nisto, uma vez que há a probabilidade de que isto aconteça. Porém, sabemos também que entre uma probabilidade de acontecimento e um acontecimento real há certa distância. Não seria assim, todos os moradores de favela seriam traficantes, e sabemos que este fato não é real. Assim como sabemos que não é só na favela que existe o tráfico.

SIMILARIDADE



Observe bem os desenhos ao lado apresentados. Para formarmos grupos, a tendência inicial seria na linha vertical, devido à semelhança dos objetos.

Obedecendo a própria organização dos vertebrados, cujos recursos de ação se dispõem simetricamente de um lado e de outro da coluna vertebral, o homem tende a perceber preferencialmente as formas simétricas.

Assim quando uma configuração foge àquela forma, tenderíamos a excluí-la. O que poderia explicar, mas não justificar os preconceitos, o racismo, o comportamento de algumas pessoas perante os deficientes mentais ou físicos e até mesmo a tendência de um professor que, quase sem perceber, pode “gostar” mais do aluno que aprende bem do que daquele que tem grandes dificuldades; e é justamente este último que mais precisa dele.

Antes, achava-se que a mudança de posição de um objeto em seu campo se destacava porque o próprio movimento chamava a nossa atenção; hoje, sabe-se, que o fato que realmente atrai a atenção é o de o objeto desaparecer de um lugar e aparecer noutro. O movimento altera o equilíbrio que antes existia ali, produzindo a necessidade de se reorientar e se reorganizar o campo existente.

O campo, antes em equilíbrio, não despertava mais a atenção, tudo que se estabiliza tende a desaparecer como elemento configurado ou percebido, desaparece como FIGURA. É como se conduzisse à anulação, às vezes deixamos de perceber certos sons, cheiros ou sabores, de tão acostumados que estamos a ele. Mas, uma mudança e pronto! O movimento se instala reorientando todo o campo. Por isso, a criança com aprendizagem muito rápida e muito boa, tende se desinteressar mais rápido pela matéria, pois esta não provoca mais nenhum movimento interno que a desestabilize, e que leve a mais curiosidade pela aula.

A aprendizagem se dá pela mudança. Em cada conteúdo novo aprendido, uma nova reestruturação interna acontece, pra que mais uma novidade se acomode e assim sucessivamente. UM CONSTANTE MOVIMENTO!

NECESSIDADE DOMINANTE

Não podemos deixar de lado o fator NECESSIDADE. Podemos perceber e interpretar os fatos e as formas de acordo com a nossa necessidade naquele momento específico.

Ex: uma pessoa com fome tem mais facilidade de perceber formas relacionadas à comida do que aquelas que não estão com fome. Assim como um aluno com fome terá mais dificuldade de pensar na aula que está tendo, e um aluno cansado por conciliar trabalho com estudo é diferente, mas não pior, do que um aluno que apenas dedica sua vida aos estudos.

Referencias

- BARROS, Célia silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escolar. 5ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1998.
- BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª edição. São Paulo. Editora Saraiva. 2009.
- BRUNER, Reinhard. Dicionário de Psicopedagogia e Psicologia Educacional. Petrópolis, Ed. Vozes, 2004.
- FALCÃO, Gerson M. A Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. Ática, 1984.
- FERREIRA, Berta W. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1980. 2ª edição.
- GOULART, Iris B. Psicologia da Educação. Petrópolis, Ed. Vozes, 2011. 17ª edição.
- HILGARD, Ernest R.. Teorias da Aprendizagem. SP, Ed. E.P.U. , 1973, (4ª edição).
- HOWE, Michael J. A. Introdução à Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. Vértice, 1987.
- MOULY, George G. Psicologia Educacional. SP, Ed. Pioneira, 1993. 9ª edição.
- MURRAY, Eduard. Motivação e emoção. Zahar. 1978, 4ª ed.
- PENNA, Antônio G. Percepção e realidade, RJ, Ed. Mercúrio Star, 1993. 2ª edição.
- WINTHER, Geraldina P. & LOSMONACO, José F.B. . Psicologia da Aprendizagem. SP, Ed. EPU, 1987.

TEORIA PSICOGENÉTICA DE PIAGET E VYGOTSKY



Imagem: Piaget

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/inatismo-empirismo-construtivismo-tres-ideias-aprendizagem-608085.shtml?page=2>

No dia 09 de Agosto do ano de 1896, na Suíça, nascia na família Piaget um menino. Sua mãe, na época do nascimento, com certeza não tinha idéia de que estava colocando no mundo um grande contribuidor para as teorias psicológicas e educacionais. Seu nome: Jean Piaget.

O menino cresceu, se fez homem estudioso e interessado pelo desenvolvimento do ser humano, tanto que entrou para a universidade e se formou Biólogo. Mais tarde casou-se e foi pai; e observando seus filhos crescerem e se mostrarem a cada dia seres mais inteligentes, começou a se questionar: “De onde vem esta inteligência?” / “Será que nascemos com ela?” / “Será que adquirimos com o tempo?” / “E se adquirimos, como se faz este processo?”.

Estas e muitas outras perguntas com certeza fervilhavam na cabeça de Jean Piaget. Até que em 1918, iniciou suas atividades no campo da psicologia, não abandonava a biologia, mas procurava um elo entre a mesma e a origem do conhecimento. Suas observações e estudos o levaram a uma interessante conclusão: a inteligência nasce conosco e também se desenvolve com o tempo. Mas que estranho! Como pode ser? Se eu nasço inteligente, ainda preciso desenvolver alguma coisa?

Resposta: Evidentemente. Imagine um bebê, que não teve a oportunidade de estimulações diversas... Se ele não teve contato com uma árvore, por exemplo, como poderá desenvolver a capacidade de imaginar uma?

Nós nascemos com POTENCIALIDADES, mas se estas não forem desenvolvidas, se atrofiam... Se não interagirmos com MEIO, não recebermos estímulos; não desenvolveremos de forma adequada as nossas capacidades.

Com estas conclusões, Piaget construiu uma teoria de base PSICOGENÉTICA. Que palavrão é este? Bom, é mais simples do que parece ser. O prefixo PSICO é de origem grega, vem de psique, que significa mente, alma, vida; o sufixo GENÉTICA vem de gênese, que significa origem. Veja só! Tudo tem haver! O nome perfeito para explicar exatamente aquilo que se queria dizer.

Vamos pensar juntos: o que se buscava era a origem da inteligência, através de um elo entre a biologia e a psicologia; chegamos à conclusão de que organicamente, nascemos com

uma pré-disposição à inteligência, mas esta só tem a oportunidade se desenvolver, na medida em que nos relacionamos com o meio em que vivemos.

Piaget acredita que o conhecimento se constrói passo a passo no sujeito, através da interação de suas capacidades com o meio em que ele vive. Por isso, sua teoria é conhecida como teoria interacionista, e se opõe às teorias puramente inatistas, ou seja, aquelas que acreditam que o homem já nasce “pronto”. Assim com também se difere das teorias puramente ambientalistas, que não acreditam na capacidade inata do sujeito, acreditando cegamente que o homem é apenas produto do meio em que ele vive. Será então que alguém que vive próximo a bandidos, necessariamente também o será????

Chegamos finalmente a um conceito sobre inteligência, que se faz bastante abrangente:

Há uma estrutura morfológica e anatômica no homem, e as associações desta estrutura com o meio desenvolvem a inteligência. Que é a criatividade na solução de problemas, é a capacidade que um indivíduo tem de se adaptar. Sua função é estruturar o universo, conhecê-lo, adaptar-se á ele e adaptá-lo a si.

Jean Piaget faleceu em 1980, aos 84 anos. E deixou grandes contribuições à psicologia do desenvolvimento, da aprendizagem e da inteligência.

UMA REFLEXÃO: Ser inteligente não é apenas ter capacidade de decorar uma tabuada, por exemplo, ser inteligente é uma soma de habilidade intelectual bem desenvolvida e de emocionalidade bem trabalhada. De que me adianta saber teorias se eu não sei ser feliz??? Ou de que me adianta ter conhecimentos diversos, se eu não sei o que fazer com eles???

Ser inteligente é ter capacidade de escolha, é poder olhar e decidir o que você acredita que lhe trará satisfação e que lhe será útil. Pois afinal, quem não tem o objetivo de ser feliz???

Lembro-me do camarada em minha turma na universidade... que... apesar de suas formidáveis aptidões intelectuais, ele passava a maior parte do tempo sem fazer nada, ficando acordado até tarde e faltando às aulas por dormir até meio-dia. Levou quase dez anos para obter afinal seu diploma”. (GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional, P. 27.)

Os estádios do desenvolvimento segundo Jean Piaget

Perceba que a palavra citada no título acima fala sobre ESTÁDIOS e não ESTÁGIOS de desenvolvimento. Alguns autores adotaram esta terminologia visto que a palavra ESTÁDIO dá idéia de amplitude, tanto que ao pronunciarmos a palavra estádio, tendemos logo a pensar em estádios de futebol, Maracanã... e a palavra estágio dá idéia de algo com início, meio e fim bem determinados. Tendo em vista que estamos tratando do desenvolvimento do ser humano devemos ser informados de que não passamos pelos estádios de desenvolvimento de maneira

exatamente igual. Por exemplo, se uma criança de 05 anos está alfabetizada e outra de seis anos e meio não está, isto não significa que uma é super e outra infradotada, significa apenas que elas são pessoas diferentes, e, portanto não apresentam as mesmas características comportamentais e desenvolvimentais.

OS ESTÁDIOS DE DESENVOLVIMENTO SE CLASSIFICAM, PARA PIAGET, EM:

1º) Estádio sensório motor - uma etapa que vai MAIS OU MENOS, até os dois anos de idade. É a fase que antecede a linguagem, desta etapa fazem parte as primeiras experiências com o mundo, que são, como o próprio nome já diz: sensoriais e motoras, ou seja, as sensações ligadas a relações afetivas e aos primeiros reflexos motores, os quais levam, gradativamente, a criança a tomar consciência de seus próprios movimentos e de seu próprio corpo.

2º) Estádio pré-operatório - uma etapa que vai MAIS OU MENOS, até os sete anos de idade. Seu início é caracterizado pelo início do desenvolvimento da linguagem. O nível de pensamento concreto ainda é maior do que o abstrato, as crianças ainda fazem confusões quanto a conceitos relativos, por exemplo:

Reta A _____

Reta B _____

Reta C _____

A reta B é menor do que a reta A e é maior do que a reta C.

Olhando o esquema isto é óbvio e claro, mas para uma criança com um nível de pensamento pré-operatório, isto é praticamente impossível de ser concebido, pois se a reta B já é menor, como pode ser também maior??? Ou ela é menor ou é maior, as duas coisas não dá pra ser...

Este tipo de compreensão desenvolve-se gradativamente de acordo com a maturação neural e com os estímulos oferecidos à criança.

3º) Estádio das operações concretas - uma etapa que vai MAIS OU MENOS até os 11 anos de idade. Caracteriza-se pelo início do desenvolvimento da lógica e é também marcada pelo desenvolvimento do senso moral e social. Nesta fase as crianças não gostam muito de brincar sozinhas, elas solicitam a presença de outras crianças para compartilharem. O desenvolvimento da lógica fica aparente até nas brincadeiras que ganham regras próprias determinando o que pode e não pode ser feito naquela brincadeira específica.

4º) Estádio das operações formais - é a inserção na sociedade dos adultos. Inicia-se na puberdade, é caracterizado por operações intelectuais abstratas; conceitos relativos e metafóricos

(simbólicos) já podem ser compreendidos, visto que, o pensamento abstrato (mais elaborado) já está melhor desenvolvido.

Piaget, este teórico da psicogenética, não era psicólogo e sim biólogo, logo sua teoria tem claros vínculos com a fisiologia e a biologia no que diz respeito ao desenvolvimento do ser. Ele valoriza muito os aspectos neurais envolvidos no desenvolvimento; acredita que o meio é importante oferecedor de estímulos para a formação, mas pensava que de uma maneira ou de outra, com a maturidade neurofisiológica e orgânica o ser acabaria se desenvolvendo, ao chegar o tempo maturacional correto e próprio de cada sujeito.

Ao mesmo tempo em que Piaget traçava suas linhas na Suíça, surgia na antiga Bielo Rússia um pesquisador chamado Lev Semionovich Vygotsky, também psicogeneticista, formado em direito, mas estudioso da psicologia, filosofia e história, acreditava, que o meio social era de fundamental importância para o desenvolvimento. Ele dizia que o ser humano é histórico e social e que destes aspectos dependem todos os outros vinculados ao desenvolvimento geral dos sujeitos.



Imagem: Vygotsky

Fonte: <http://eduped-psico.blogspot.com.br/2010/06/lev-vygotsky.html>

Vygotsky, assim como Piaget, nasceu em 1896, com “alguns poréns”: Piaget nasceu na Suíça, país estruturado, rico e oferecedor de condições de trabalho estável aos seus pesquisadores; Vygotsky nasceu na Bielo Rússia e viveu em meio a contextos históricos e políticos conturbados, no cenário da Revolução Russa; não tinha dinheiro nem apoio para escrever ou levar a frente suas teorias, apesar da importância delas para as ciências educacional e psicológica. Piaget trabalhou até morrer aos 84 anos de idade. Vygotsky também trabalhou até morrer, só que faleceu aos 37 anos em 11 de junho de 1934.

Ambos os autores acreditavam que o conhecimento e a inteligência se desenvolvem passo a passo na interação do sujeito com o mundo a sua volta, porém Vygotsky dava às relações com o meio histórico, cultural e social, um peso de significativa importância para o nosso desenvolvimento.

Diz-se então que para Piaget o meio era importante no desenvolvimento e para Vygotsky o meio era FUNDAMENTAL para o desenvolvimento do ser.

Referências

AJURIAGUERRA, J. de. Manual de psiquiatria infantil. Ed. Masson. 1980. 2ª edição.

GOLEMAN, Daniel, Inteligência Emocional – A Teoria Revolucionária Que Redefine O Que É Ser Inteligente, RJ, Ed. Objetiva, 1995. 5ª edição.

MURRAY, J. Edward, Motivação e Emoção, RJ, Ed. Zahar, 1978. 4ª edição.

MUSSEN, CONGER e KAGAN, Desenvolvimento e Personalidade da Criança, SP, Ed. Harbra, 2001. 4ª edição.

NOVAES, M^a Helena, Psicologia Da Educação e Prática Profissional, Petrópolis, Ed. Vozes, 1992.

PIAGET, Jean, Seis Estudos de Psicologia, RJ, Ed. Forense – Universitária, 1976. 8ª edição.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento Um processo Sócio-Histórico. São Paulo, Scipione, 2010. 5ª edição.

VEER, René Van Der & VALSINER, Jaan. Vygotsky: Uma Síntese. São Paulo, Loyola, 1996.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 3. ed. São Paulo. Martins Fontes. 1991.

Profa. Zoráia Araujo de S. da Fonseca.

A psicogenética segundo Henri Wallon



Imagem: Wallon

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/educador-integral-423298.shtml>

Wallon nasceu na França em 1879, formou-se em filosofia aos 23 anos e em medicina aos 29 anos de idade. Ao longo de sua carreira foi explícita sua aproximação com a educação.

Viveu um período marcado por instabilidades, as duas guerras mundiais (1914 -18 e 1939 -45). Em 1914 atuou como médico do exército francês e permaneceu por meses no front de combate. O contato com lesões cerebrais dos ex-combatentes fez com que revisse posições neurológicas.

Atuou até 1931 como médico de instituições psiquiátricas, consolidou seu interesse pela psicologia da criança.

De 1920 a 1937, encarregou-se de conferências sobre psicologia da criança em Sorbonne e outras instituições de ensino superior. Em 1925 fundou um laboratório para pesquisa e atendimento de crianças deficientes. Neste mesmo ano publica sua tese de doutorado “A Criança Turbulenta” e inicia um período de intensa produção com livros voltados para a psicologia da criança. (O último livro “Origens do pensamento na criança” foi lançado em 1945).

Em 1948 cria a revista “Enfance” (infância). Um periódico, que até hoje procura seguir a linha editorial inicial, as publicações servem como instrumento de pesquisa para pesquisadores em psicologia e fonte de informação para educadores. Wallon faleceu em 1962, e deixou uma teoria onde propunha a PSICOGÊNESE DA PESSOA COMPLETA, pois acreditava não ser possível destacar apenas um aspecto do desenvolvimento humano para estudar.

Admite o organismo como condição primeira do pensamento, pois toda a função psíquica supõe um componente orgânico. No entanto, considera que isto não é condição suficiente, pois o objeto da ação mental vem do ambiente no qual o sujeito está inserido, ou seja, o estímulo para que o organismo se desenvolva vem de fora. Considerava que o homem é um ser determinado fisiológica e socialmente, sujeito a disposições internas e a situações externas.

A criança, para Wallon, é um ser essencialmente emocional que gradualmente vai constituindo-se um ser sócio - cognitivo. Por isso a criança deve ser observada contextualizada

com uma realidade; para que possamos entender o comportamento infantil, devemos olhar suas condições de existência. Pois, as trocas que a criança estabelece com os outros são fundamentais para seu desenvolvimento como pessoa. Crianças nascem imersas num mundo cultural e simbólico, mas passam por um período de indiferenciação com o ambiente humano, sua compreensão das coisas dependerá dos outros, que darão às suas ações e movimentos formato e expressão, interagindo com ela, incentivando, orientando, dando noção de limites.

Antes do surgimento da linguagem falada, as crianças comunicam-se, através da ação em sua interpretação do meio, e assim constroem suas próprias emoções, o que constitui seu primeiro sistema de comunicação expressiva; nestes processos acontecem trocas sociais como a imitação.

Wallon propõe, para entender este desenvolvimento, estágios de desenvolvimento, assim como Piaget os propõem, mas Wallon acredita que a criança não cresce de uma maneira linear. O desenvolvimento humano tem momentos de crise, e nós precisamos destas, pois para a criança ou para o adulto não é possível se desenvolver sem conflitos, ao contrário os conflitos são necessários para o crescimento.

Para Wallon, cada estágio do desenvolvimento humano estabelece uma forma específica de interação com o outro. No início do desenvolvimento existe uma predominância biológica, e gradativamente o social vai adquirindo mais força. Assim como Vygotsky, Wallon acredita que o social é imprescindível. A cultura e a linguagem fornecem ao pensamento elementos para evoluir.

Em sua origem o pensamento emerge da imitação, mas com o desenvolvimento as ações da criança não mais precisarão ter origem na ação do outro, ela vai "desprender-se" do outro, tornando-se gradualmente habilitada à representação da realidade. Este é um salto qualitativo no desenvolvimento do pensar, é a passagem do ato imitativo concreto chamado de simulacro (imitação em ato) para um pensar onde forma-se uma ponte entre formas concretas e a representação destas. É onde a criança se desloca da inteligência prática, do ato, para iniciar situações mais simbólicas de inteligência verbal ou representativa.

O pensamento infantil é sincrético, Wallon coloca o sincretismo como sendo a principal característica do pensamento infantil. No pensamento sincrético tudo pode se ligar, reflete um caráter confuso e global da percepção e do pensamento infantil. Mas no sincretismo, o ato de misturar e confundir ideias, possibilita o surgimento de relações próprias e inéditas necessárias ao ato criador, o sincretismo é essencial para invenção. A criança tende misturar e combinar ideias e imagens de formas variadas. Como exemplo, temos:

Fabulação: o fato de inventar uma explicação própria diante do desconhecimento de um fato ou fenômeno. Por isso relatos infantis são incrementados com elementos imaginários.

Tautologia: palavra que vem do grego "tautó", que significa "o mesmo" consiste em definir um termo pela repetição do mesmo.

Elisão: este termo vem do verbo elidir que significa suprimir algo. Aqui é termo usado para explicar que a criança privilegia critérios afetivos em relação aos lógicos. Mas o processo de simbolização é decisivo para que o pensamento atinja uma representação mais objetiva da realidade, pois, acopla referências pessoais a signos convencionais, referências mais objetivas.

Wallon propõe uma psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento humano, pois, considera que não é possível selecionar um único aspecto do desenvolvimento para observar, pois há vários campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil (afetivo, motor e cognitivo) que agem em interação. Para Wallon o estudo do desenvolvimento humano deve considerar o sujeito como “geneticamente social” devemos estudar a criança contextualizada, nas relações com o meio.

O método adotado por Wallon é o chamado método da observação pura. Metodologia que permite conhecer a criança em seu contexto, “só podemos entender as atitudes da criança se entendermos a trama do ambiente no qual está inserida” (Wallon).

Em cada etapa do desenvolvimento é possível identificar características distintas (necessidades e interesses). Em cada idade a criança estabelece um tipo de interação com o meio. Conforme características da idade a criança interage mais com um ou outro fator (o ambiente físico, as pessoas próximas, a linguagem, conhecimentos culturais).

Fatores Orgânicos e Sociais fazem parte de nosso desenvolvimento. Fatores orgânicos são os responsáveis por uma sequência entre as fases de desenvolvimento, no entanto, a duração de cada etapa sofre influências de circunstâncias sociais. O lado biológico, de acordo com H. Wallon, é mais determinante no início da vida da criança, mas aos poucos vai dando lugar à influência do meio.

Para Wallon o ritmo do desenvolvimento não segue uma linearidade, as etapas são marcadas por rupturas, retrocessos, reviravoltas e condutas de etapas anteriores podem permanecer nas seguintes. O desenvolvimento não é uma adição de sistemas, a passagem de um estágio a outro envolve reformulação.

O desenvolvimento infantil é um processo de conflitos externos e internos. Os externos são resultado de desencontros entre as ações da criança e o ambiente externo, que é estruturado pelo adulto e pela cultura. Os conflitos internos são resultado de maturação neural, Wallon considera os conflitos como propulsores do desenvolvimento, e diz que o desenvolvimento é uma construção progressiva em que se sucedem fases, onde em algumas predominam a dimensão afetiva e em outras a cognitiva. Cada etapa tem características próprias e domínio de uma atividade. As atividades predominantes são recursos que a criança tem para interagir com o meio.

As etapas do desenvolvimento segundo Henri Wallon:

ESTÁGIO IMPULSIVO-EMOCIONAL - Abrange o 1o ano de vida. A emoção aqui é o instrumento dominante na interação da criança com o mundo. O afeto se nutre pelo olhar, contato físico, posturas e gestos.

ESTÁGIO SENSÓRIO-MOTOR OU PERCEPTIVO – Vai até o 3o ano de vida. Aqui o interesse está na exploração sensório-motora do mundo físico. Com o desenvolvimento da marcha e preensão a criança vai desenvolvendo maior autonomia na exploração e manipulação de objetos. O desenvolvimento da função simbólica da linguagem é também marcante nesta etapa.

ESTÁGIO DO PERSONALISMO – Vai mais ou menos dos 3 aos 6 anos. A formação da personalidade é característica desta etapa. Com as interações sociais a criança vai adquirindo cada vez mais consciência de si. As relações afetivas são importantes e se exprime por palavras e ideias. A troca afetiva, nesta fase já pode se dar, ou seja, ser percebida a distância (linguagem), deixando de ser indispensável a presença das pessoas. Aqui aparece a imitação inteligente, construindo significados para a própria ação. Nessa fase, a criança está voltada novamente para si própria, para isso coloca-se em oposição ao outro num mecanismo de diferenciar-se. A criança, mediada pela fala e pelo domínio do "meu/minha", faz com que as ideias atinjam o sentimento de propriedade das coisas. A tarefa central do processo é formação da personalidade.

ESTÁGIO CATEGORIAL - A partir dos 6 anos processos intelectuais dirigem a atenção da criança para o conhecimento e conquista do mundo externo. Nesta fase as interações com o meio tem um predomínio cognitivo, a criança interage mais com o mundo e realiza descobertas mais elaboradas, pois seu pensamento está mais desenvolvido, mais simbólico, uma vez que ela já tem certo domínio da linguagem e pode expressar pensamentos e sentimentos, mesmo sentimentos podem ser elaborados mentalmente, teorizam sobre relações afetivas.

ESTÁGIO DA ADOLESCÊNCIA - Marca um período de nova definição dos contornos da personalidade, tomados por modificações corporais resultantes de ações hormonais que trazem à tona questões pessoais, morais e existenciais, com predominância da afetividade. É nesse estágio que se intensifica a realização das diferenciações necessárias à redução do sincretismo do pensamento. Esta redução do sincretismo e o estabelecimento da função categorial dependem do meio cultural no qual está inserida a criança.

Wallon observou que no desenvolvimento aparecem períodos mais voltados para o lado afetivo e outros o cognitivo. Os períodos com predominância afetiva são aqueles onde a criança volta-se à construção do eu, e, os períodos com predominância cognitiva são aqueles em que a criança volta-se para a construção do real, conhecimento do mundo físico.

Essa predominância ora do afetivo ora do cognitivo Wallon denominou predominância funcional.

Em cada estágio a criança tem orientada a sua interação mais para a afetividade ou para a cognição. Embora ocorra essa alternância, a criança incorpora as conquistas de cada função (cognitiva ou afetiva) e incorpora ao estágio seguinte com as regulações necessárias.

Referências

VALENTINI, Carla B. *Introdução a Henri Wallon*. Disponível em: <http://ucsnews.ucs.br/ccha/deps/cbvalent/teorias014/restrito/textos/wallon1.html>. Acesso em: ago/2012.

WALLON, H *A Criança Turbulenta*. Ed. Vozes. 2007.

WALLON, *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Ed. Vozes. 2008